

CIRANDA DO MEIO AMBIENTE

volume II

CIRANDA DO MEIO AMBIENTE



- EXTRATIVISMO MINERAL
- ENERGIA ELÉTRICA
- QUEIMADA AMAZÔNIA
- CAMADA DE OZÔNIO
- ECOSISTEMA




MEMÓRIAS FUTURAS
EICOS


Fundação Oswaldo Cruz

CIRANDA DO MEIO AMBIENTE

volume II

Concepção e coordenação — Virginia Schall

**Pesquisadora do depto. de
Biologia do Inst. Oswaldo Cruz — FIOCRUZ**

Consultoria — Dr. Alceo Magnanini

**Vice-Presidente da FBCN
(Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza)**

ATIVIDADES DO ALUNO

Walda de Andrade Antunes



Fundação Oswaldo Cruz

Copyright © 1991 by
Virgínia Schall, Sylvia Orthof, Paula Saldanha,
Roseana Murray e Maria Alice Aguiar.

Todos os direitos desta edição reservados à
MEMÓRIAS FUTURAS EDIÇÕES
Rua Bento Lisboa, 81-A — CEP: 22221
Rio de Janeiro — RJ
Tels.: 225-2325/205-3549

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C524
v.2

Ciranda do meio ambiente, volume II / concepção e coordenação Virgínia Schall; consultoria Alceo Magnanini; atividades do aluno Walda de Andrade Antunes. — Rio de Janeiro: Memórias Futuras, 1991

Conteúdo: O sonho de Carlos / Virgínia Schall; ilustrações Regina Julianele — Choque no roque / Sylvia Orthof; ilustrações Tato — Gente da floresta / Paula Saldanha; ilustrações Paula Saldanha — O buraco no céu / Roseana Kligerman Murray; ilustrações Eliane Soares — O mundo encantado / Maria Alice Aguiar; ilustrações Jeanito Gentilini.

Complementado pelo Manual do professor.

1. Educação ambiental (Primeiro grau). 2. Meio ambiente — Literatura infanto-juvenil.

CDD — 372.35
028.5

CDU — 372.85
087.5

91-0766

TÍTULOS QUE COMPÕEM ESTA CIRANDA

Livro 1

O sonho de Carlos

Texto de Virgínia Schall

Ilustrações de Regina Julianele

Livro 2

O choque no roque

Texto de Sylvia Orthof

Ilustrações de Tato

Livro 3

Gente da Floresta

Texto e ilustrações de Paula Saldanha

Livro 4

O buraco no céu

Texto de Roseana Murray

Ilustrações de Eliane Soares

Livro 5

O mundo encantado

Texto de Maria Alice Aguiar

Ilustrações de Jeanito Gentilini

CIRANDA DO MEIO AMBIENTE EM VERSÃO DIDÁTICA

A necessidade de um material específico sobre educação ambiental, nos levou a transformar a coleção CIRANDA DO MEIO AMBIENTE (vide Página 5) em uma obra didática. A partir do sucesso da aplicação da literatura como recurso pedagógico, a Fundação Oswaldo Cruz constatou que o mágico, o lúdico da linguagem permite uma imediata identificação do tema pela criança — o que vem de encontro aos anseios de nossos educadores.

Esta obra reúne os 10 livros da coleção, em dois volumes, agrupados de acordo com o nível escolar a que se destinam, tratando dos seguintes temas:

— CIRANDA DO MEIO AMBIENTE — Volume I (1ª e 2ª séries do 1º grau)

- reciclagem de lixo
- erosão
- saneamento básico
- poluição
- animais em extinção.

— CIRANDA DO MEIO AMBIENTE — Volume II (3ª e 4ª séries do 1º grau)

- exploração de recursos naturais não-renováveis
- energia elétrica
- queimadas
- camada de ozônio
- ecossistemas.

Em cada volume, um Manual do Professor e um Caderno de Atividades do aluno, preparados pela professora Walda Antunes.

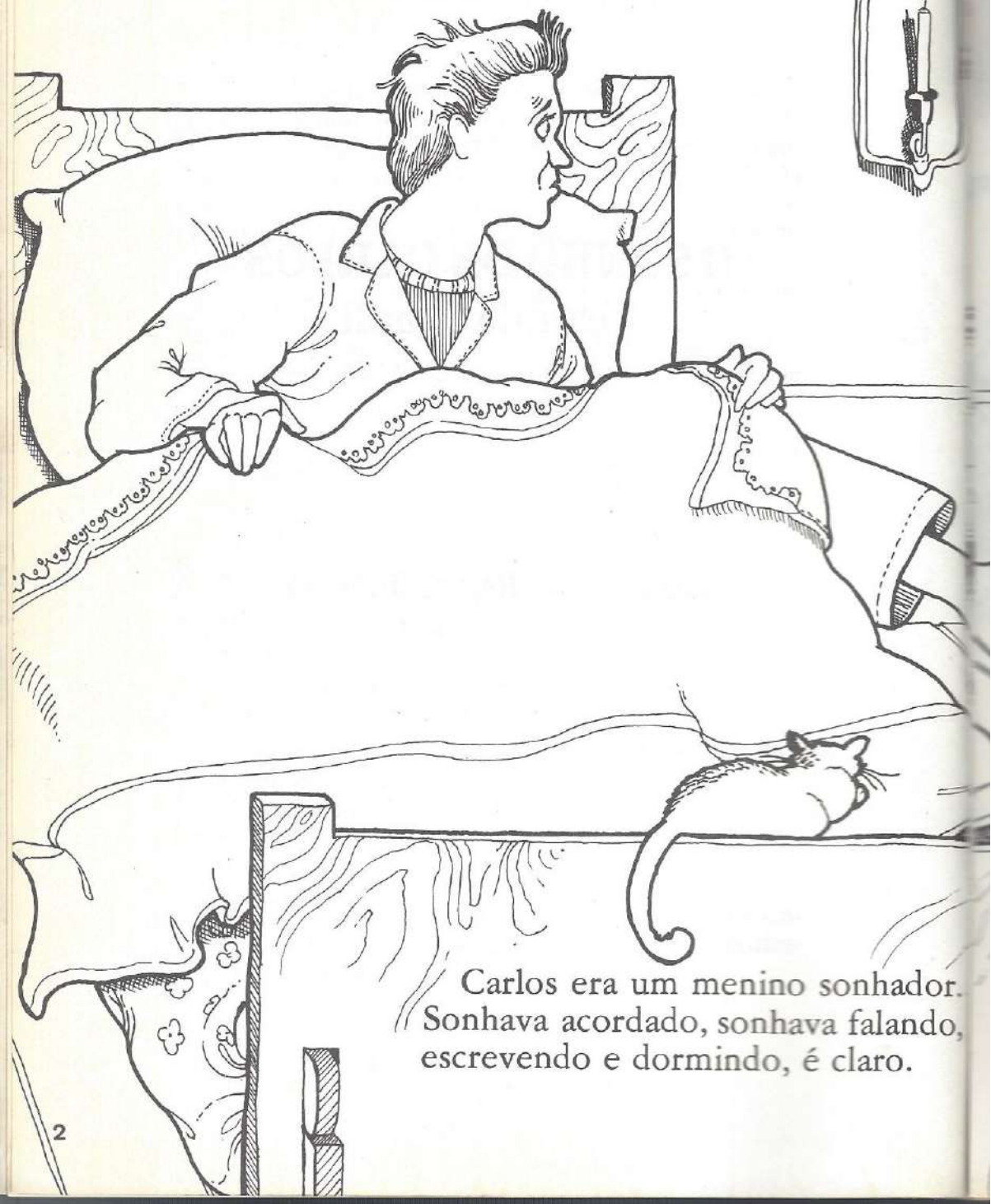
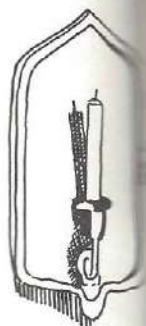


O SONHO DE CARLOS
Virgínia Schall

Ilustrações — Regina Julianele

E agora José?...
quer ver Minas
Minas não há mais.
José, e agora?...

Carlos Drummond de Andrade

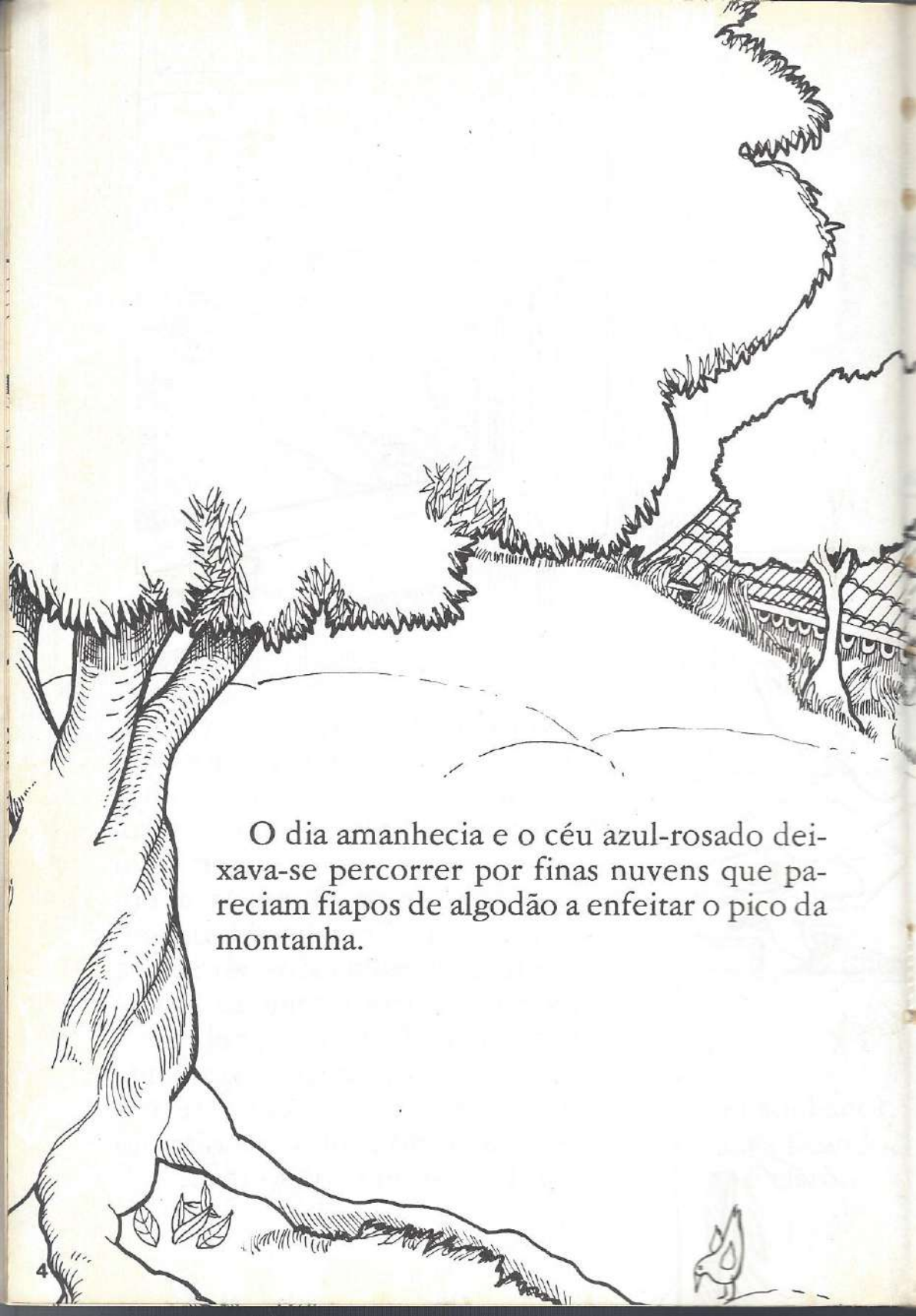


Carlos era um menino sonhador.
Sonhava acordado, sonhava falando,
escrevendo e dormindo, é claro.



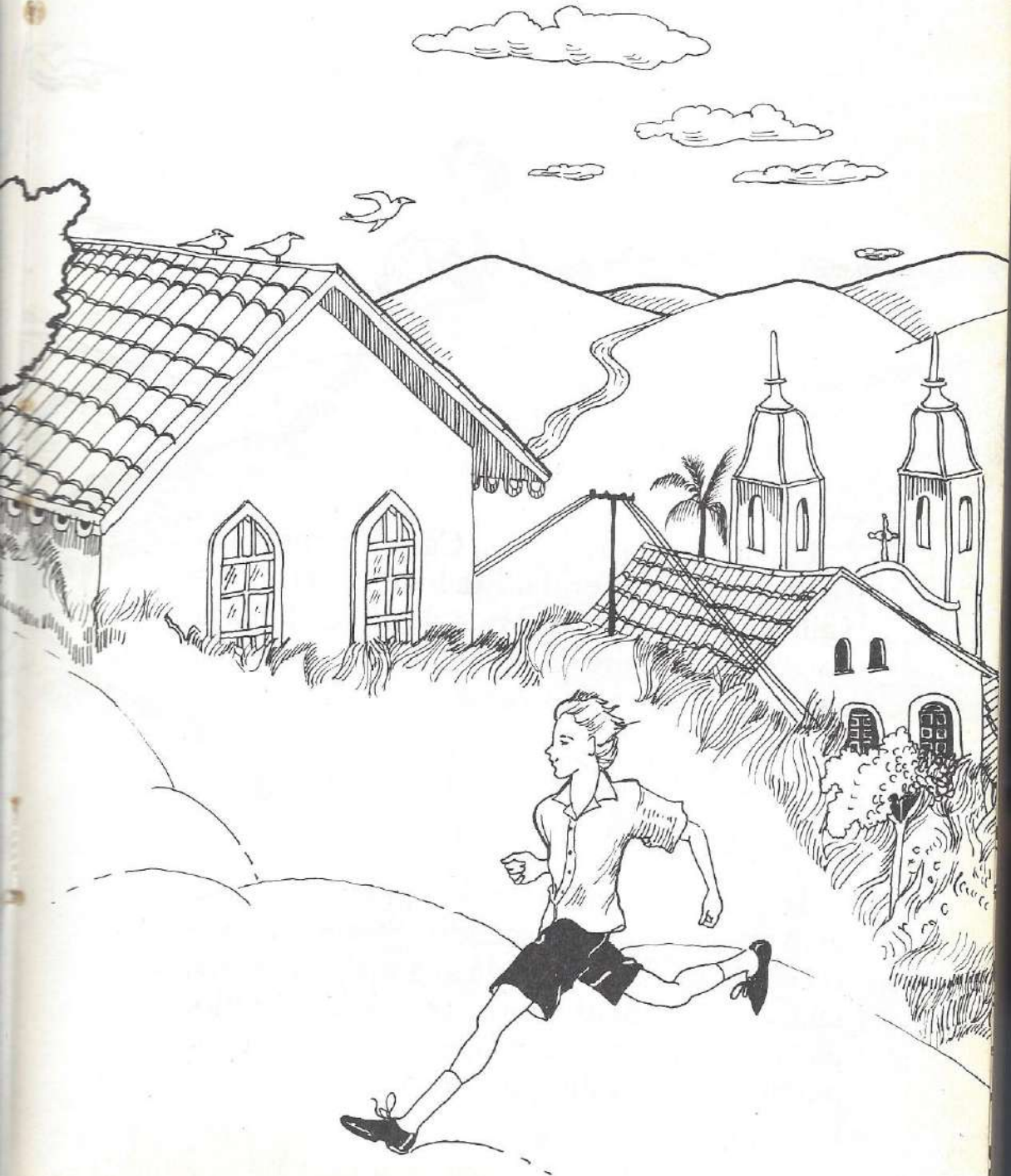
Mas, certa vez, um sonho o acordou de repente. Carlos sentou-se na cama, esfregou os olhos e escondeu o rosto no travesseiro. Não queria nem olhar: um enorme buraco afundava a encosta do rio Cristalino. E os peixes fugiam, assustados, abrindo e fechando a boca como se dissessem adeus. Correu à janela:

— Ah, que susto! Tudo ainda estava lá, como espelhos se encontrando no brilho: a pedra e o rio. Fôra só um sonho mau!



O dia amanhecia e o céu azul-rosado deixava-se percorrer por finas nuvens que pareciam fiapos de algodão a enfeitar o pico da montanha.





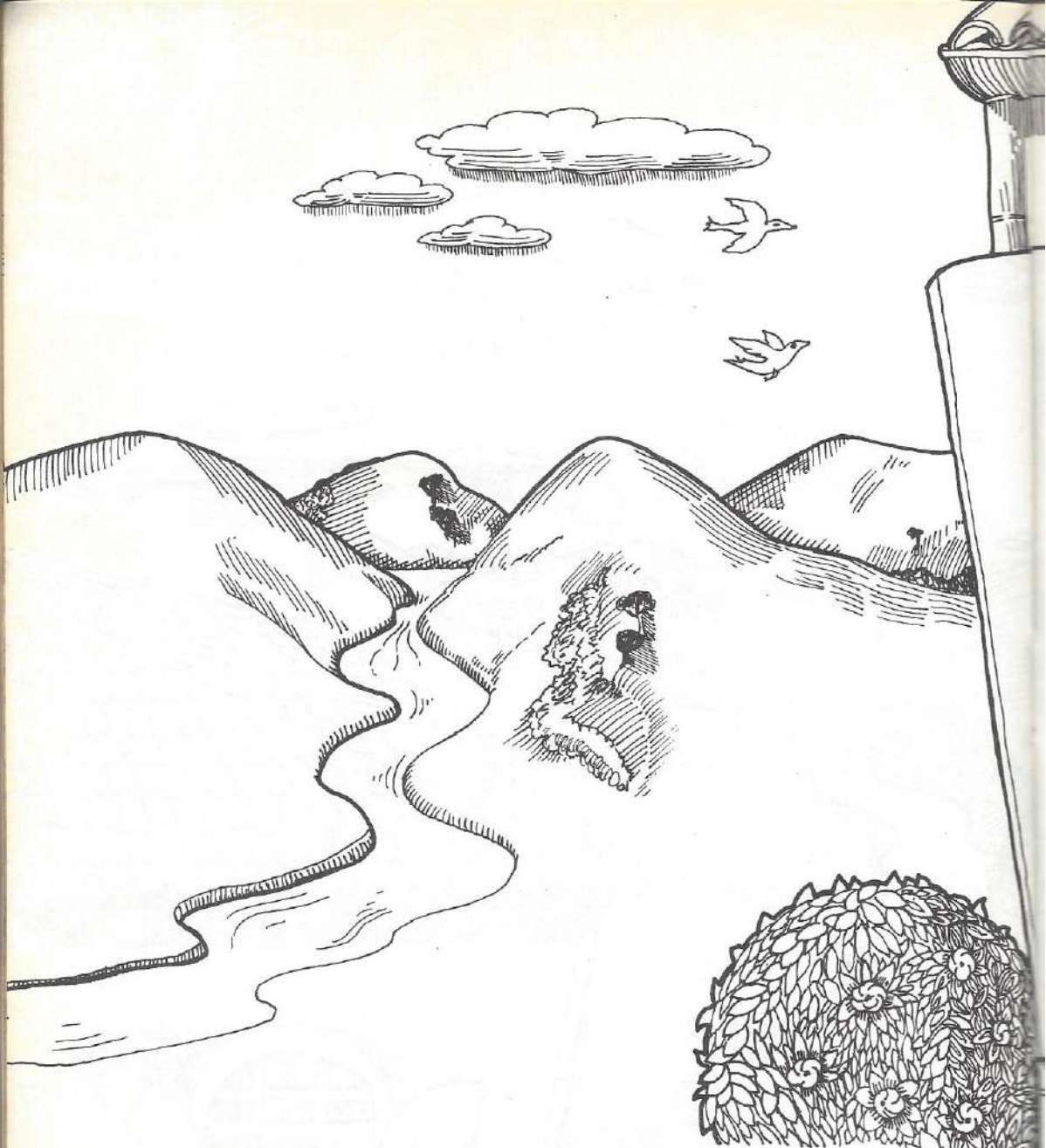


E, correndo pelas ruas, Carlos começou a sua escalada preferida. Era leve, magrinho e ágil. Rápido, atravessava a ponte e chegava ao ponto mais alto da encosta, de onde podia namorar a janela de Alice.



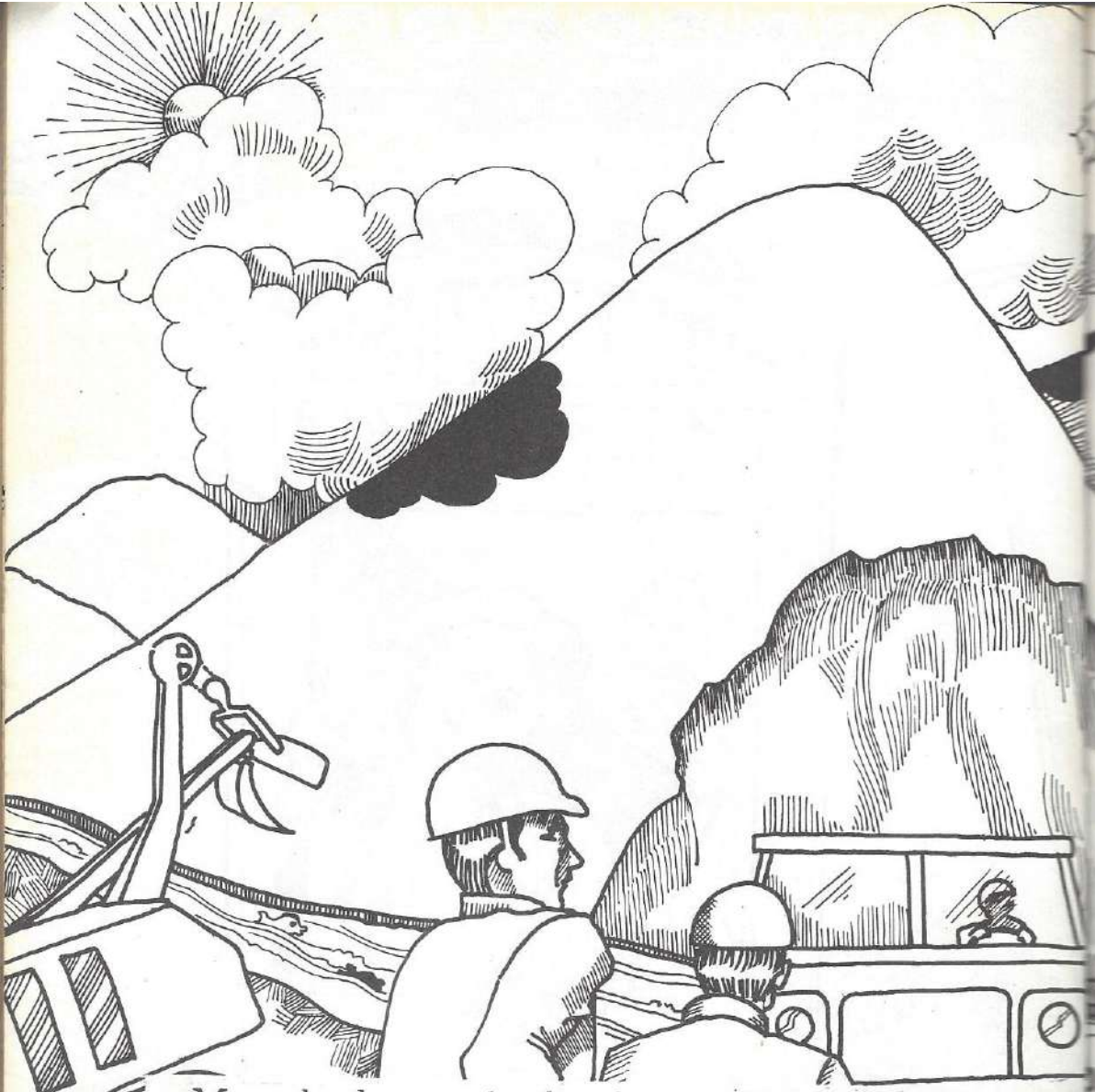
Logo, logo, ela se abriria para dar passagem ao Sol. E ele, descendo lentamente, veria a janela de Alice cada vez mais próxima, mais e mais. Seus olhos, cheios de desejo, passariam sobre o parapeito, para ver de perto a menina de que tanto gostava.





Ela era tanta coisa para ele: vizinha, amiga, irmã, colega e... namorada também (como os grandes gostavam de dizer, de brincadeira).



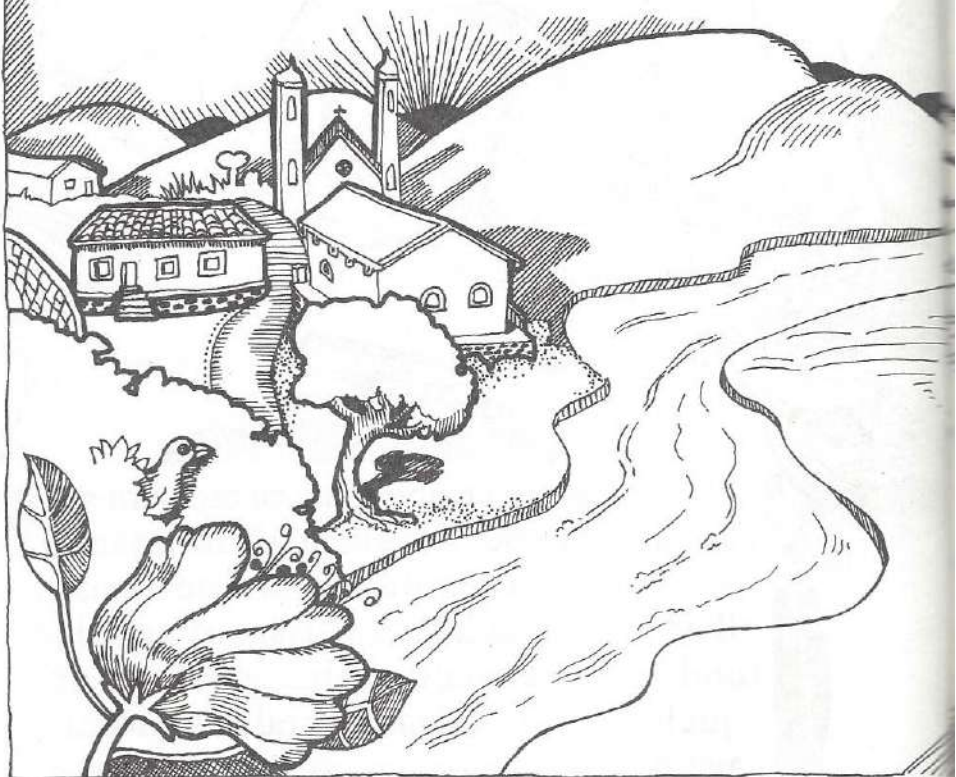


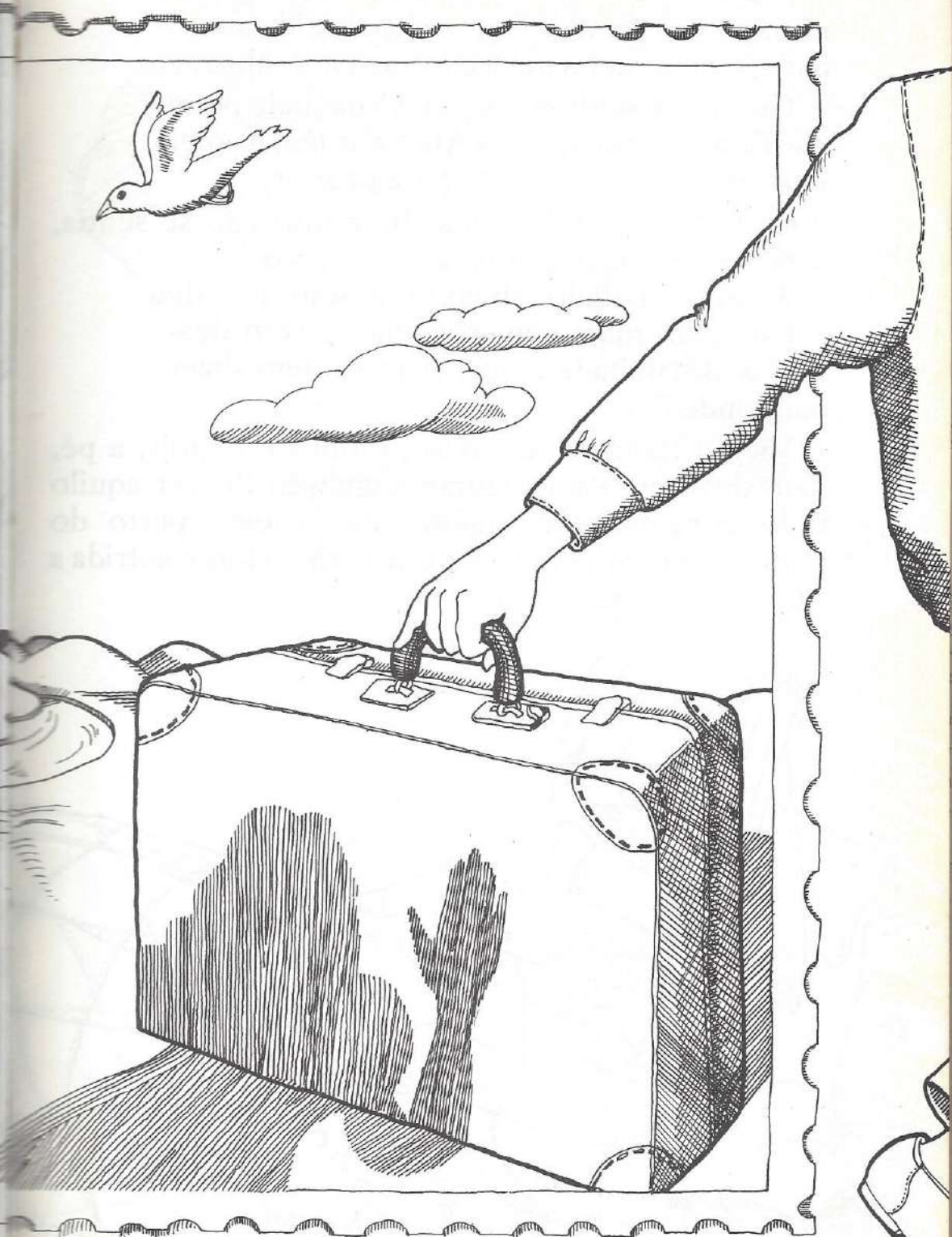
Mas, desde aquele dia do sonho, Carlos pressentiu um grande perigo. Pouco tempo depois, o brilho do ouro, na encosta, trouxe muitos homens armados de picaretas, peneiras e as bolinhas cor de prata do mercúrio (tão bonito e tão venenoso)! E, rapidamente, o morro começou a ser achatado. Cada dia mais, como se estivessem cortando fatias de bolo. A montanha virava um tabuleiro raso e o rio perdia seu contorno e seus peixes.



Carlos já não tinha mais prazer em abrir sua janela e ver aquele pedaço da montanha, cada dia menor. Ia para a escola cabisbaixo, sem olhar para os lados. A paisagem da cidade, ao fundo, e a janela de Alice não tinham mais aquela vista de cartão postal. E o domingo ficava mais lento, vazio, sem a pescaria com o pai, ao doce murmúrio de água remando ao vento.

Tudo se transformava rapidamente. E foi com saudade e tristeza, mas também com alívio, que Carlos despediu-se da amiga para estudar bem longe dali. Onde poucas vezes voltou. De onde só tinha notícias escritas e fotografias. Foi assim que soube, um dia, que a montanha não existia mais. Um enorme buraco engolia, pouco a pouco, suas riquezas sob a terra. E o rio era um esqueleto torturado e escuro.





Mas, já homem vivido, até avô, Carlos, a muitos quilômetros e anos distante da sua cidade, e de notícias dela, continuava sonhador.

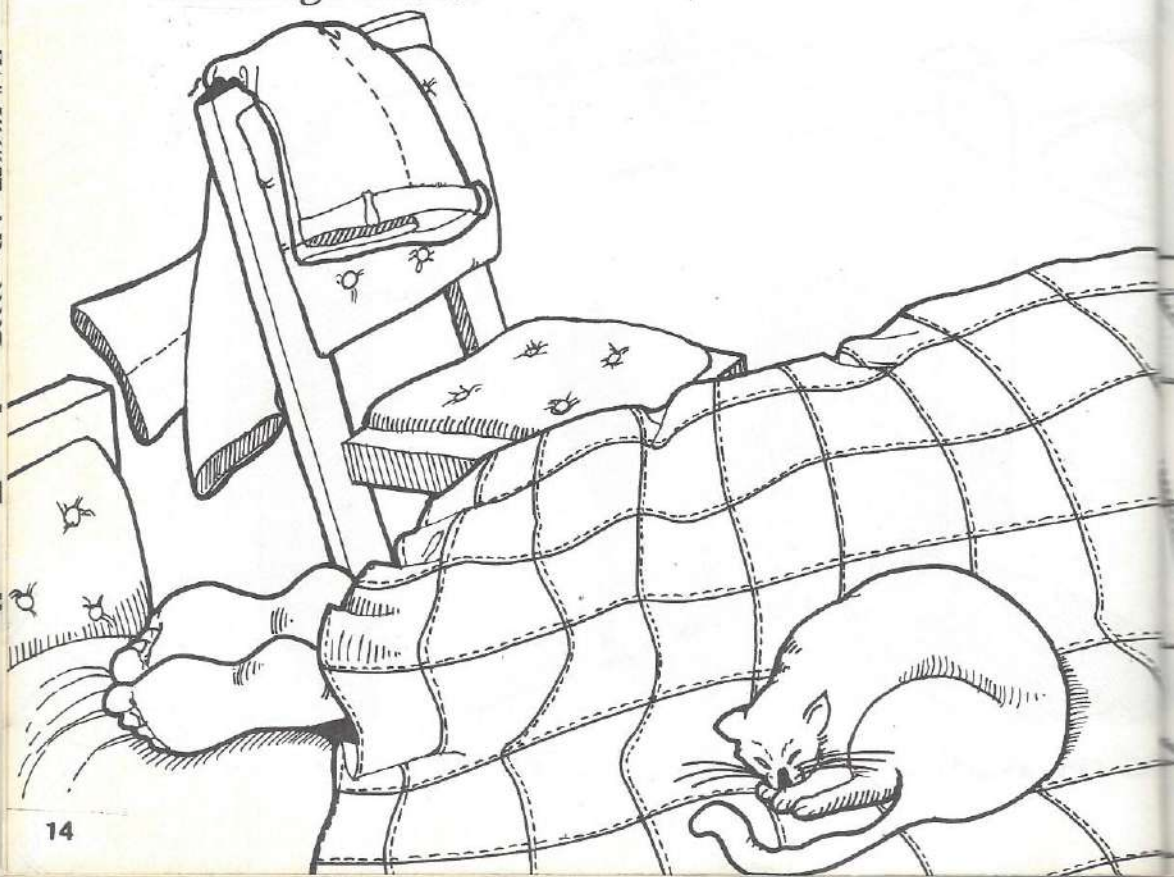
Certa vez, sonhou que estava naquele ponto mais alto da encosta. Via Alice abrindo a janela e os braços num convite para brincar.

Carlos estava feliz como há muito não se sentia, com tanta alegria e pureza no coração.

Acordou agitado, cheio de desejo de voltar.

Explicou, meio sem convencer, com desculpas desajeitadas, que viajaria, sem dizer para onde.

Viajou bastante: de avião, ônibus e depois, a pé, bem devagar. Para segurar a emoção de ver aquilo tudo novamente e, quem sabe, chegar perto do imenso e profundo buraco que tornara feia e sofrida a sua antiga cidade.



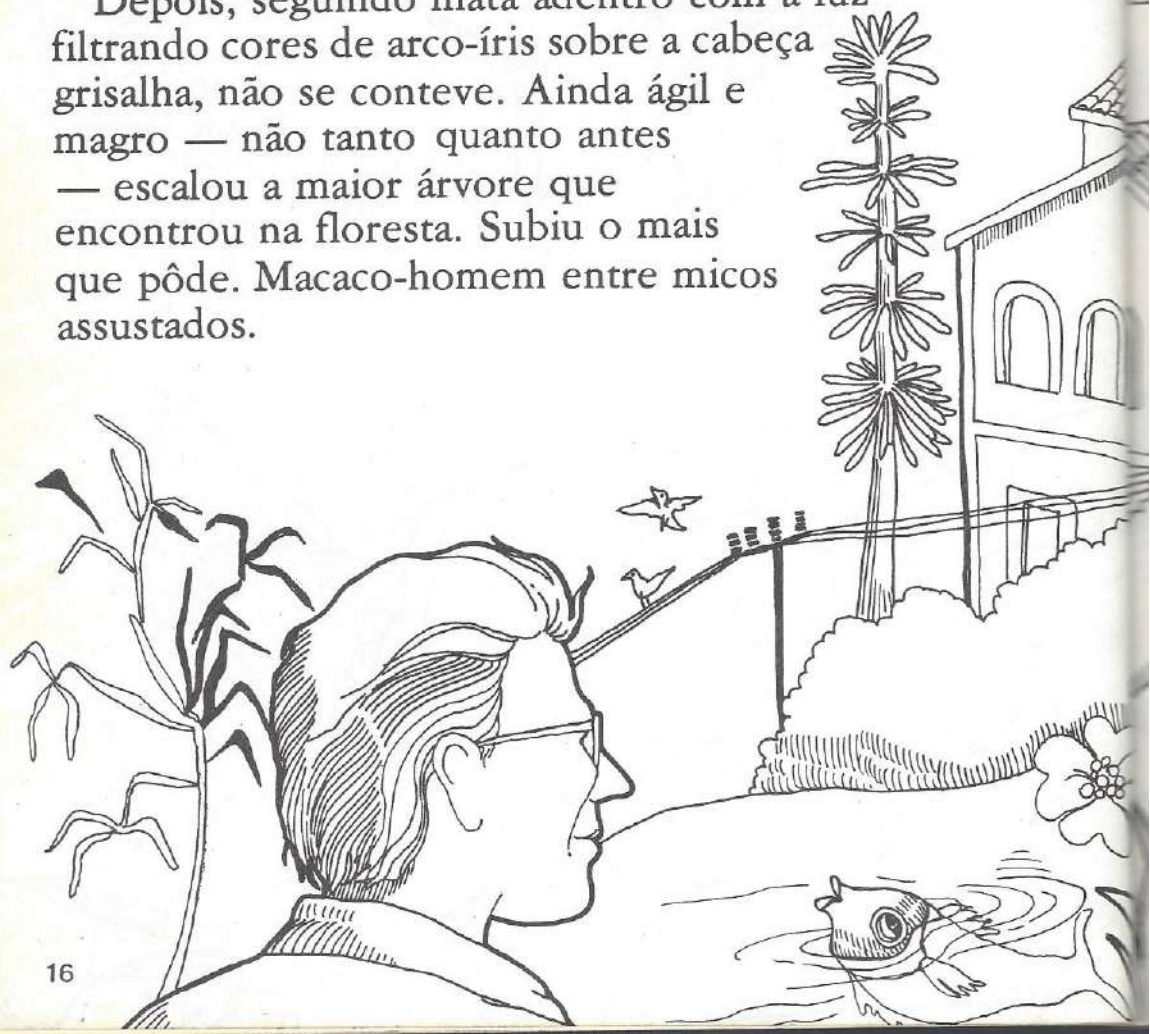


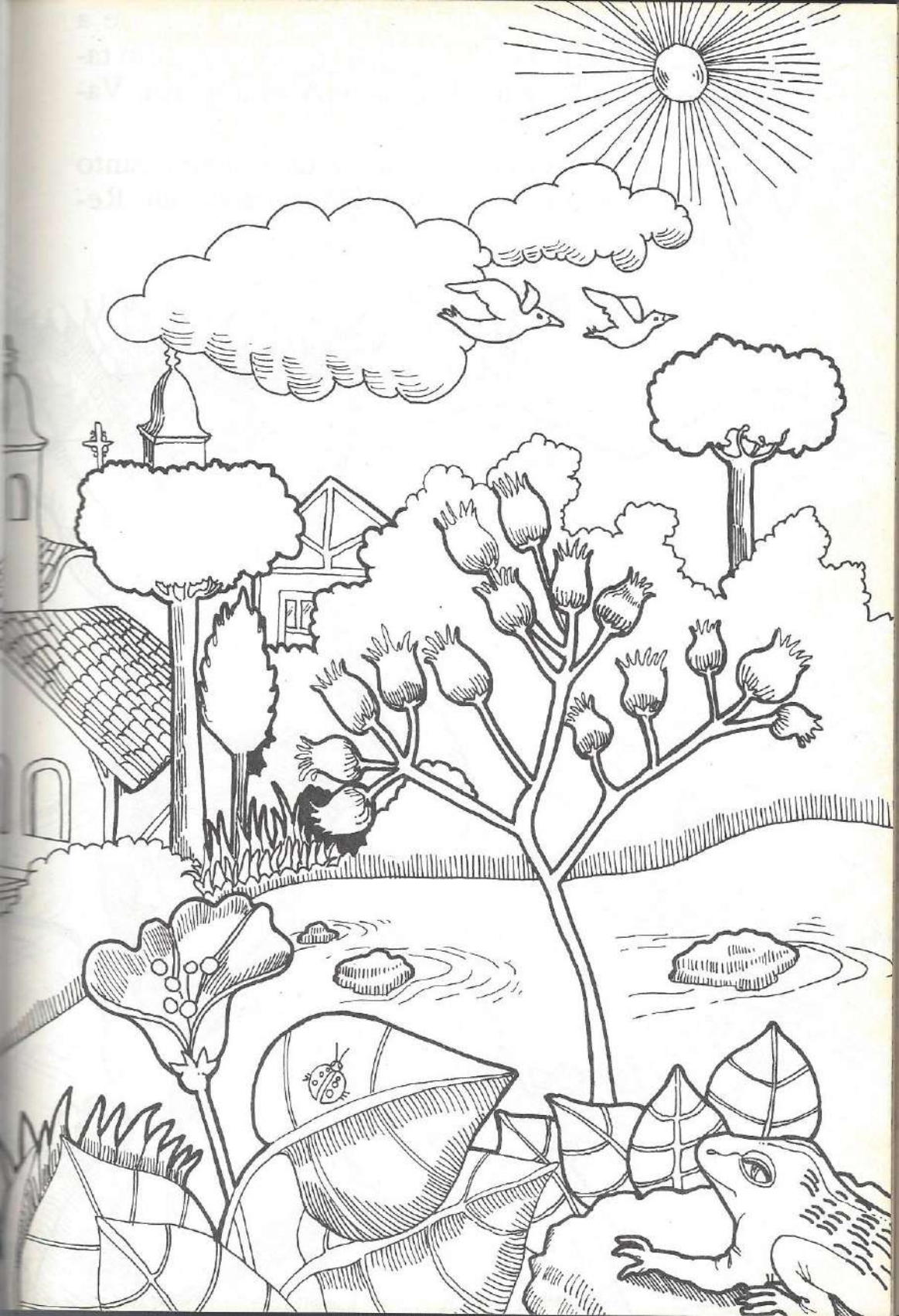
Mas, quando ia se aproximando, pensou ter errado o caminho. Seria possível? Não havia mais montanha... mas também não havia buraco.

Estava diante de uma floresta linda. Algumas árvores enormes, outras nem tanto; um alto gramado, flores e animais. Galhos elegantes debruçavam-se sobre o rio límpido, agora mais cristalino como nunca.

Com o coração acelerado, tocou de leve, com as pontas dos dedos, a superfície do rio e se sentiu ligado ao Universo inteiro. A vida transbordava entre os cardumes à beira d'água.

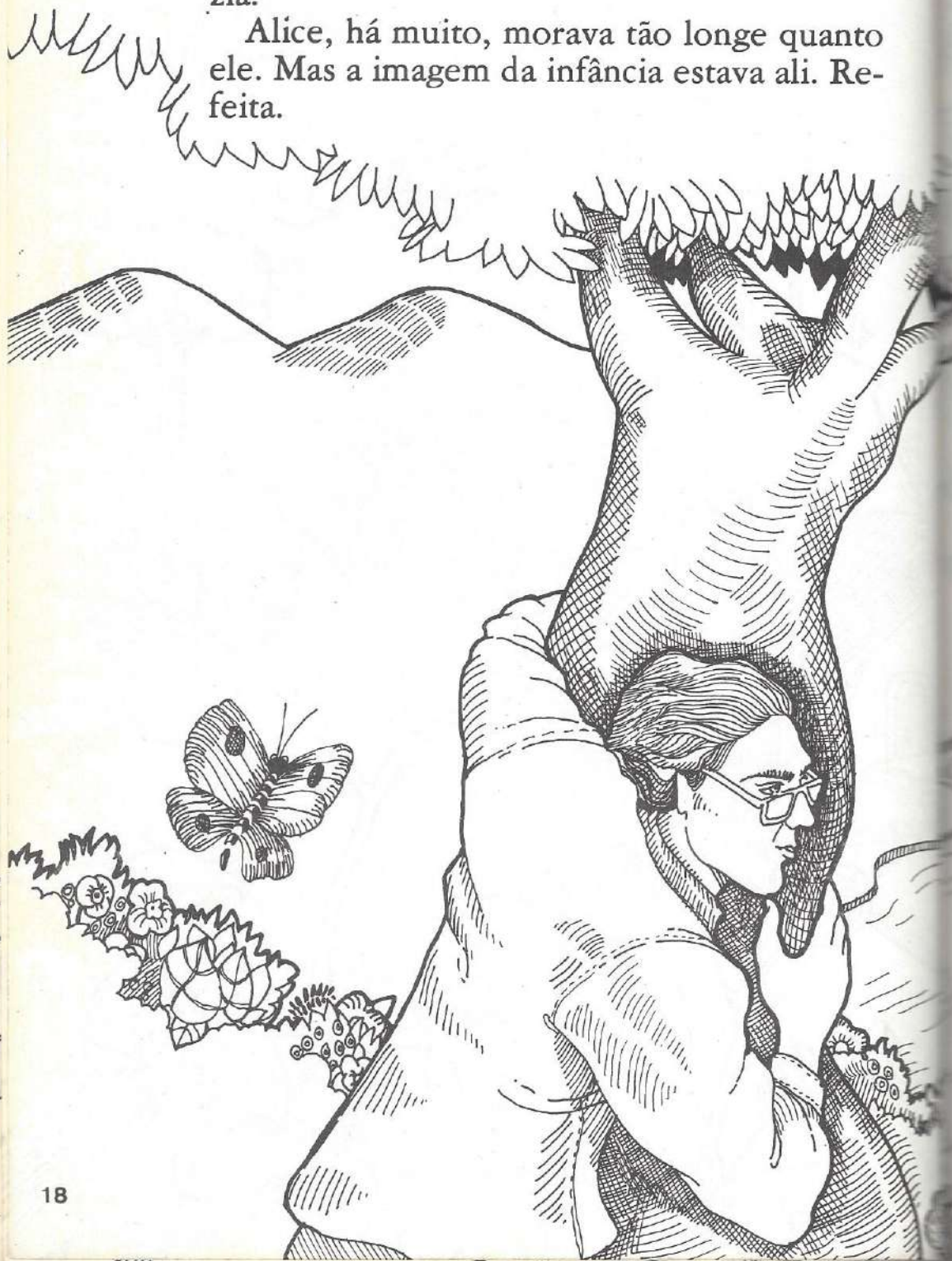
Depois, seguindo mata adentro com a luz filtrando cores de arco-íris sobre a cabeça grisalha, não se conteve. Ainda ágil e magro — não tanto quanto antes — escalou a maior árvore que encontrou na floresta. Subiu o mais que pôde. Macaco-homem entre micos assustados.

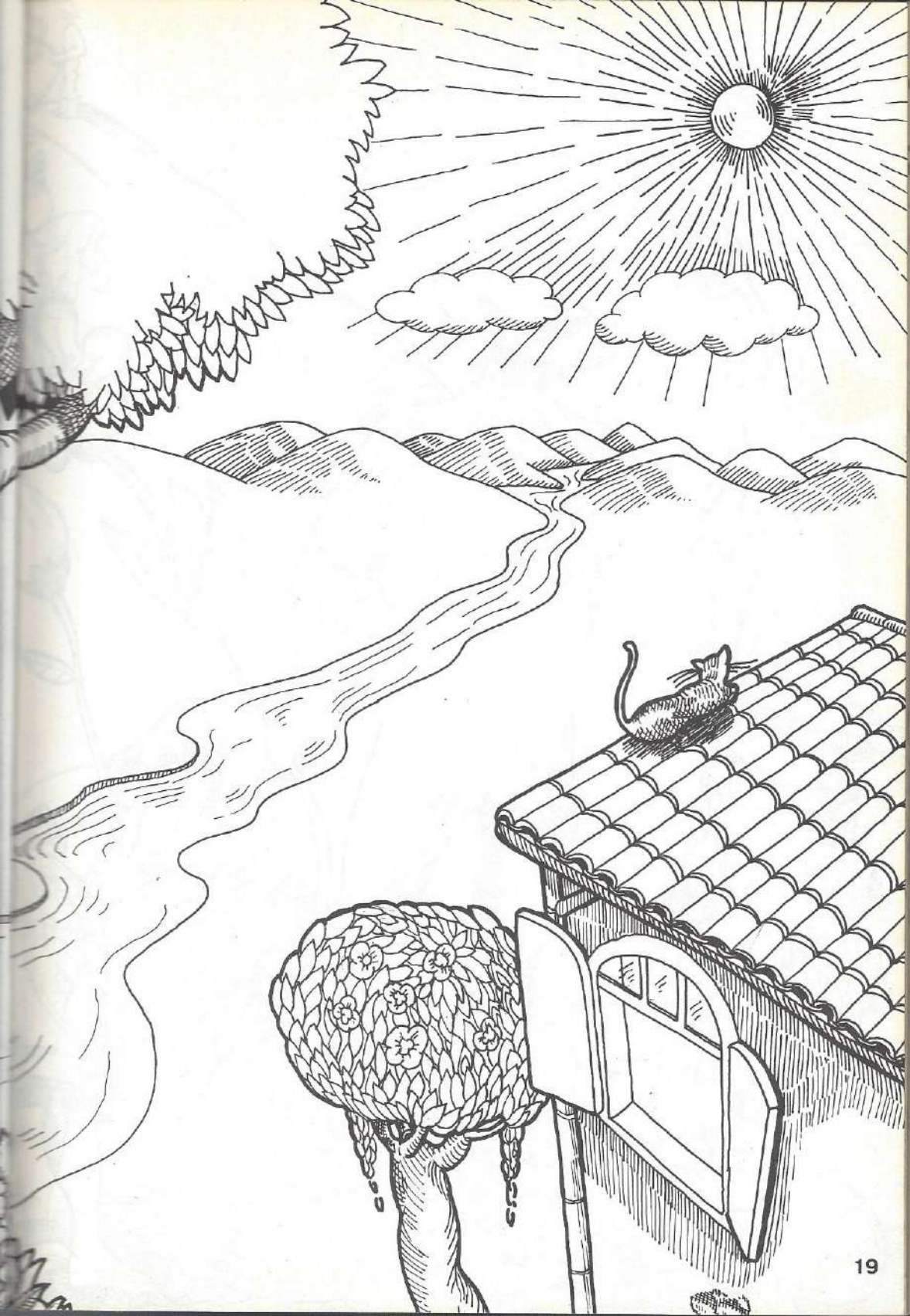


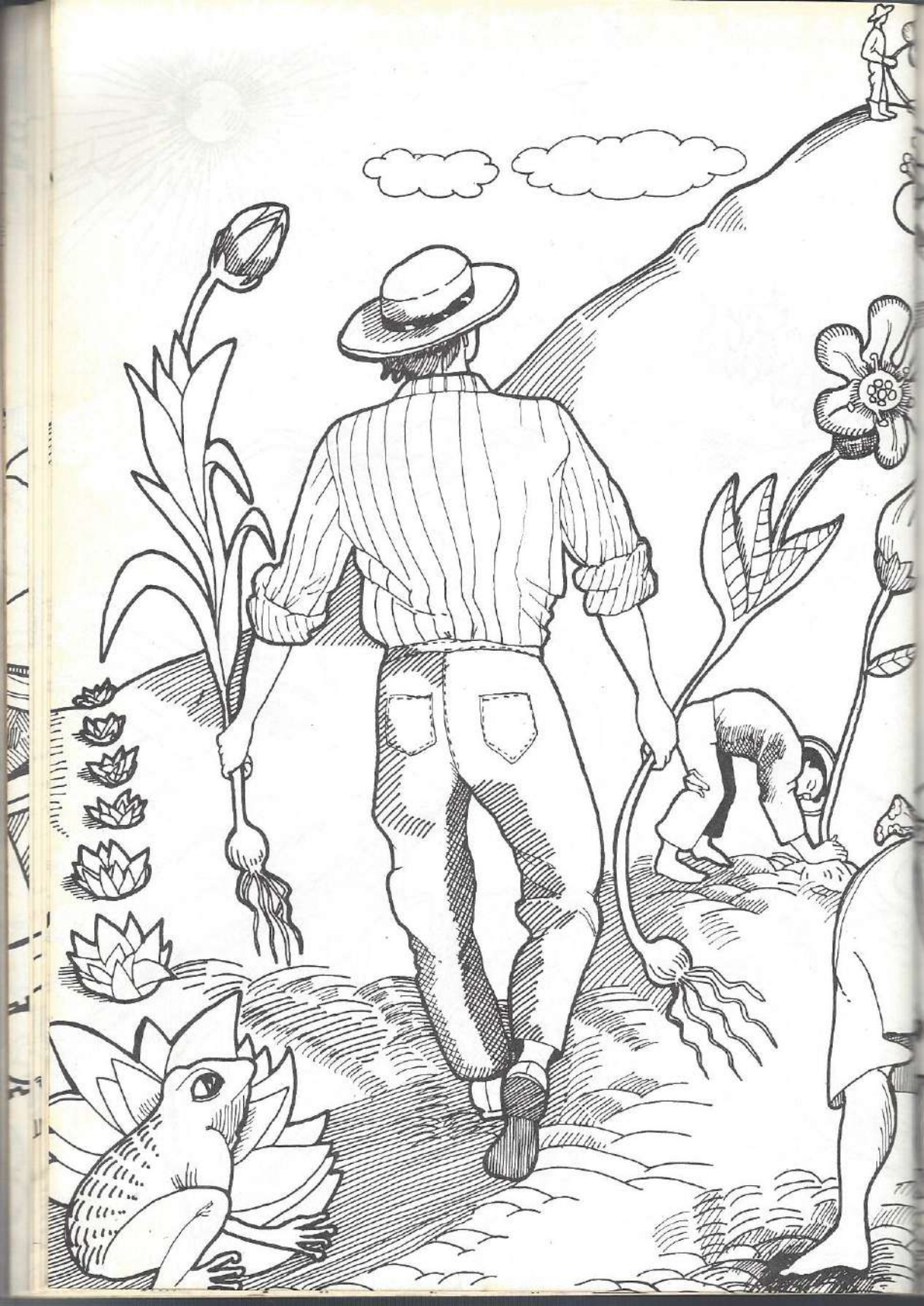


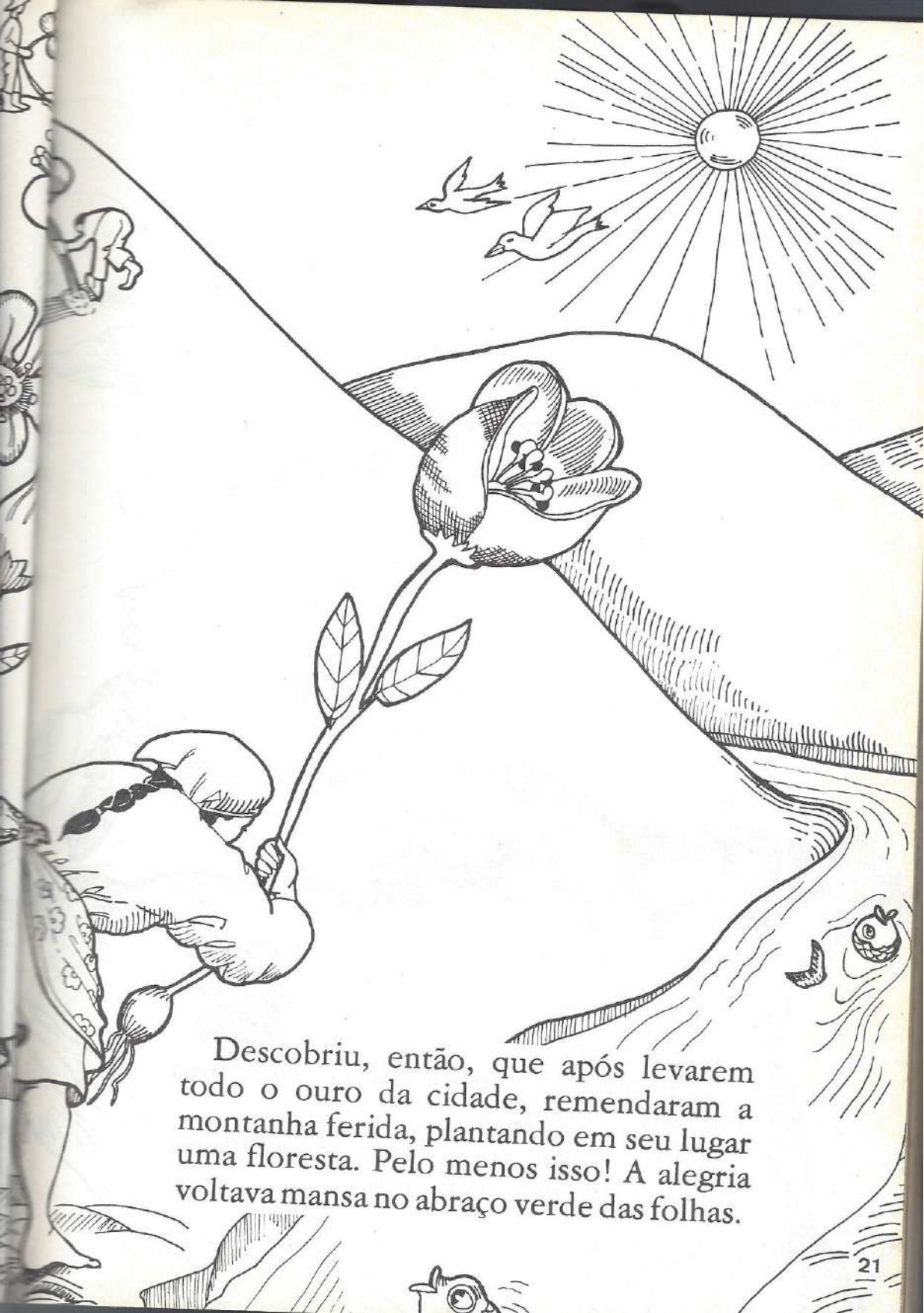
Do galho mais alto, olhou para baixo e a garganta deu um nó de saudade: sobre um tapete verde, viu a janela de Alice, aberta. Vazia.

Alice, há muito, morava tão longe quanto ele. Mas a imagem da infância estava ali. Refeita.









Descobriu, então, que após levarem todo o ouro da cidade, remendaram a montanha ferida, plantando em seu lugar uma floresta. Pelo menos isso! A alegria voltava mansa no abraço verde das folhas.



A natureza trazia de volta a esperança
em nova paisagem.

Feliz, sentiu-se pássaro, e assobiou
canções de quando menino.



TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

A fauna é o conjunto de todos os seres do reino animal. Evitando a destruição das florestas, o homem estará também protegendo a fauna e preservando o ambiente onde vivem muitos animais.

Os principais inimigos da fauna são:

- a) O fogo, que destrói matas e pastos. As queimadas destroem ninhos, ovos, filhotes e animais adultos, suas moradas e sua alimentação;
- b) O homem, que não atende às leis existentes, que caça e pesca em épocas e lugares onde isto é proibido;
- c) A poluição, que é prejudicial à natureza e a todos os seus componentes – o ar, a água, o solo, a flora e a fauna.

Alguns dos componentes da natureza, isto é, os recursos naturais, jamais acabarão – a água, as rochas, a luz do Sol –, são **recursos inesgotáveis**.

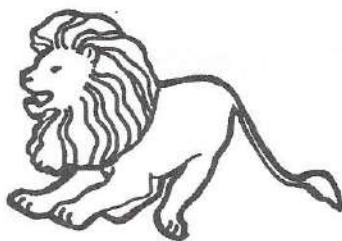
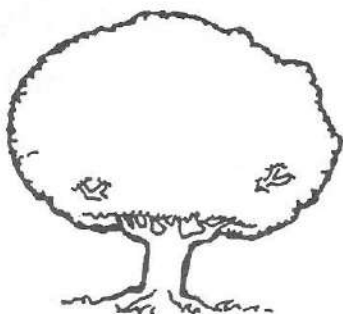
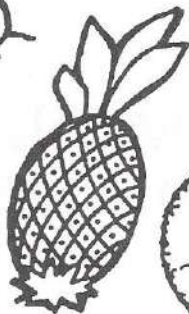
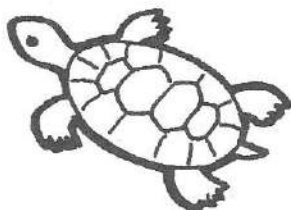
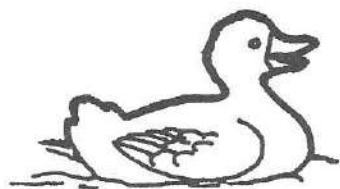
Outros recursos são aqueles que podem ser conservados dependendo da maneira como forem tratados. Como exemplo, temos as plantas, os animais e o próprio solo. Estes, são os **recursos renováveis**.

Existem outros que jamais serão refeitos. Por isso, o seu uso deve ser muito controlado. Como exemplo, podemos citar o petróleo, o carvão e os minerais. No dia em que eles desaparecerem completamente, não poderão se renovar. São os **recursos irrenováveis**.

É preciso conhecer a flora, isto é, o conjunto de plantas de um lugar. São as árvores, as folhagens, a grama, os legumes, as verduras, as frutas, as flores. O reino animal retira sua alimentação, basicamente, da flora.

Trabalhe no seu caderno:

1. Copie os desenhos dos representantes da flora:

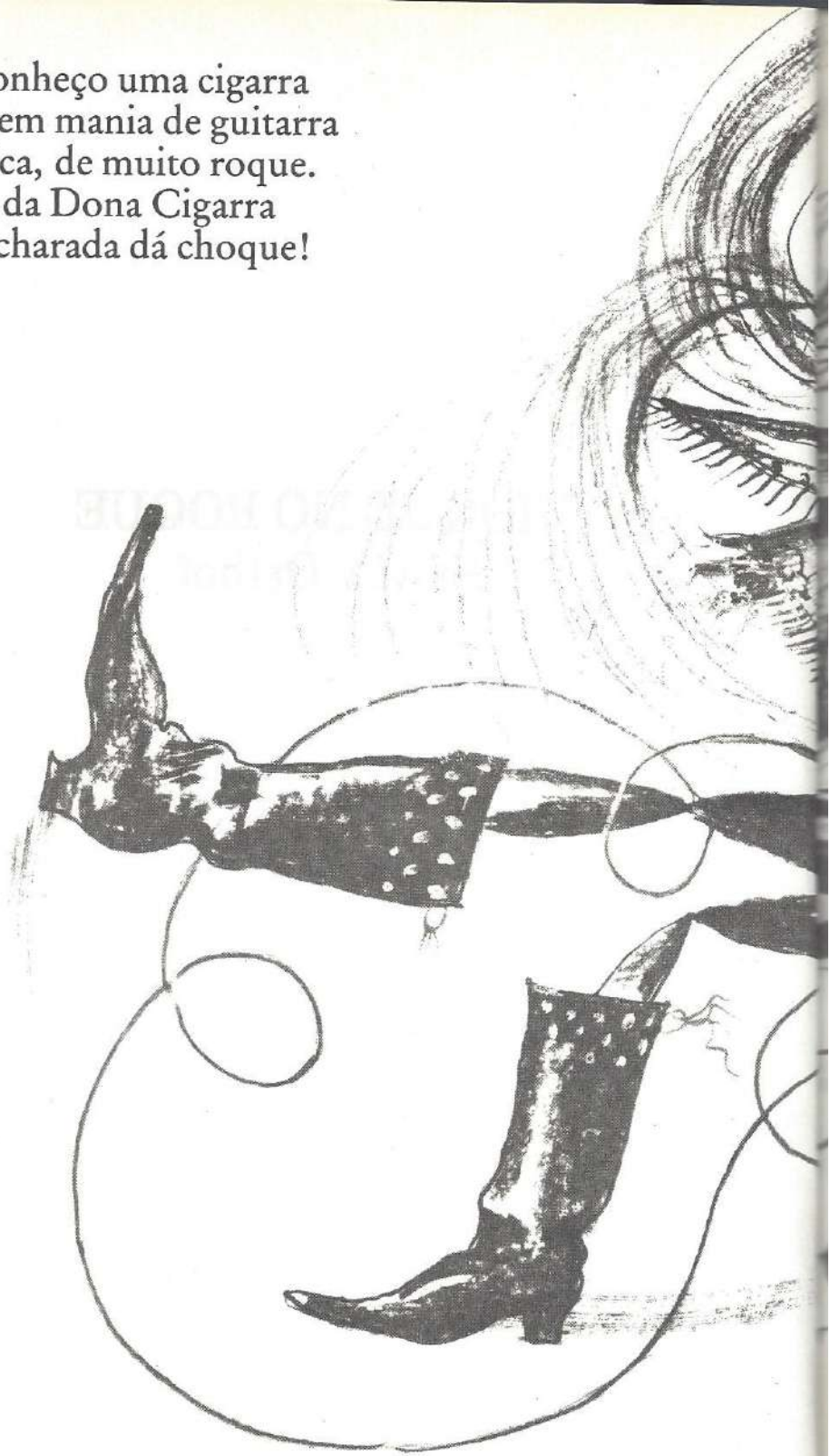


2. Anote alguns recursos naturais renováveis.
3. Anote, agora, o nome de alguns recursos naturais não renováveis.
4. É importante que todas as crianças conheçam a natureza e saibam cuidar dela. Escreva uma carta para um amiguinho, contando todas as coisas novas que você acabou de conhecer, trabalhando a história **O Sonho de Carlos**.

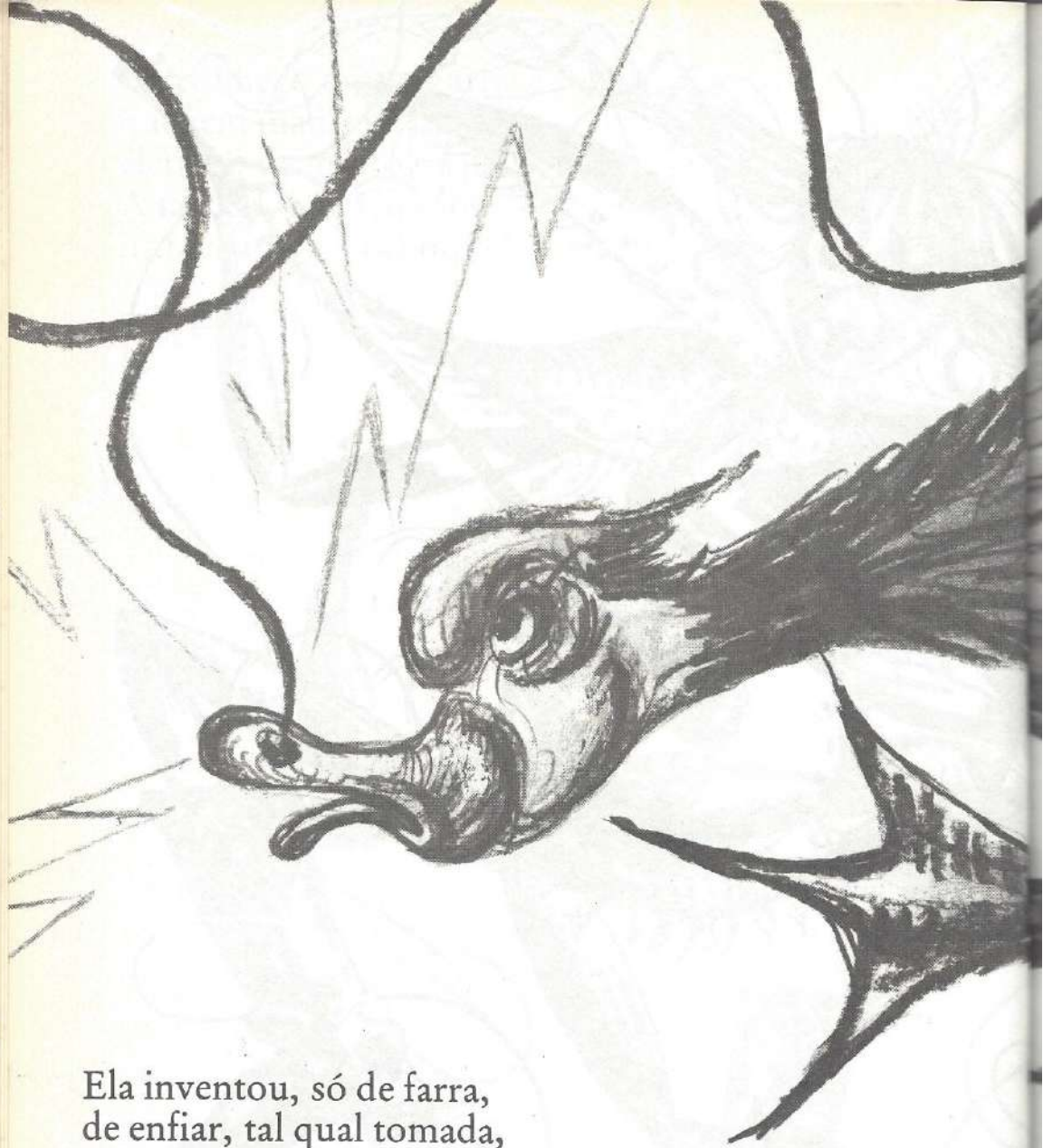
CHOQUE NO ROQUE
Sylvia Orthof

ilustrações — Tato

Eu conheço uma cigarra
que tem mania de guitarra
elétrica, de muito roque.
A tal da Dona Cigarra
na bicharada dá choque!





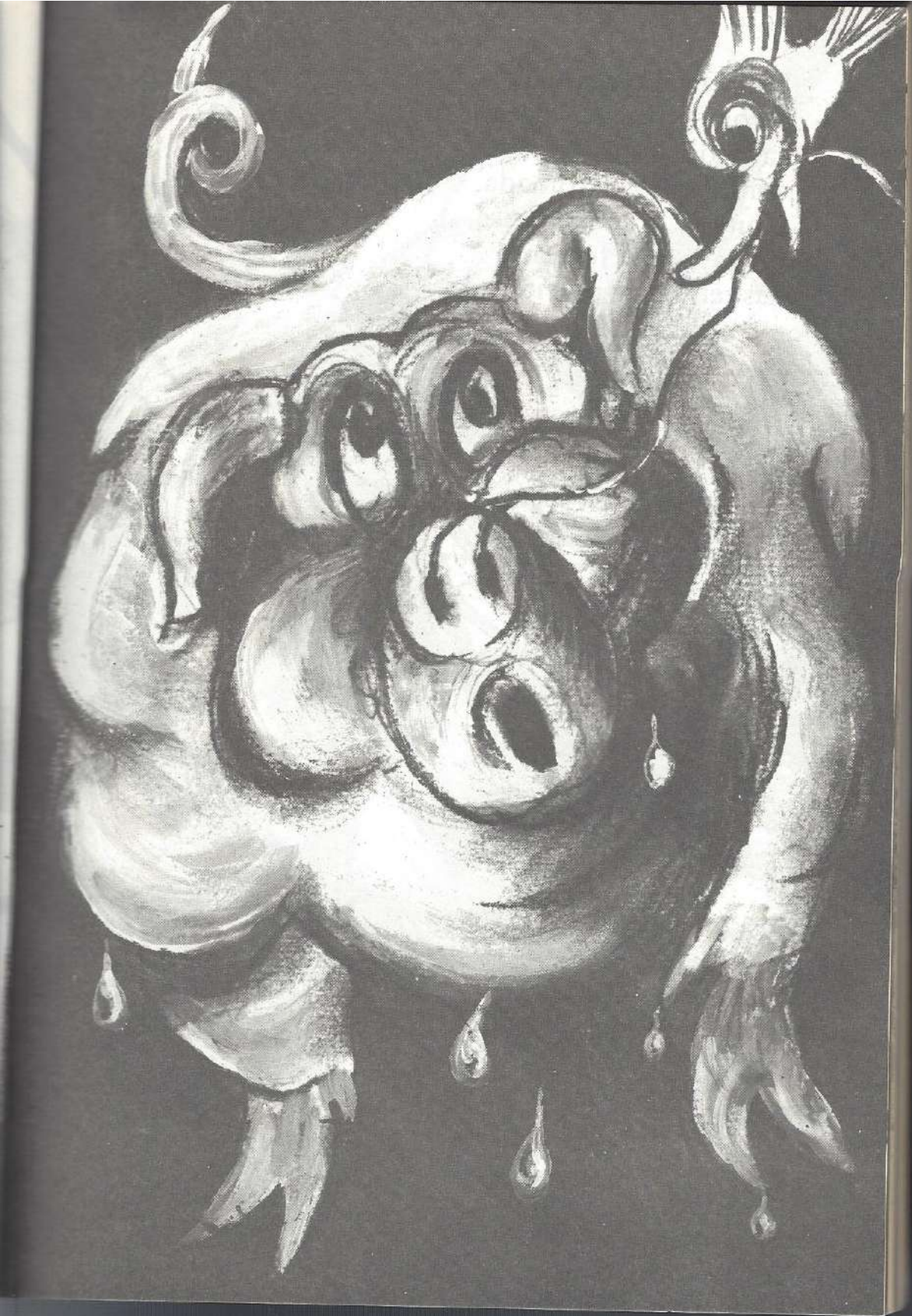


Ela inventou, só de farra,
de enfiar, tal qual tomada,
o fio de sua guitarra
pelas narinas do bico
da Dona Pata Empatada.
A pata, muito chocada,
deu à luz um ovo... frito!
Que faniquito!



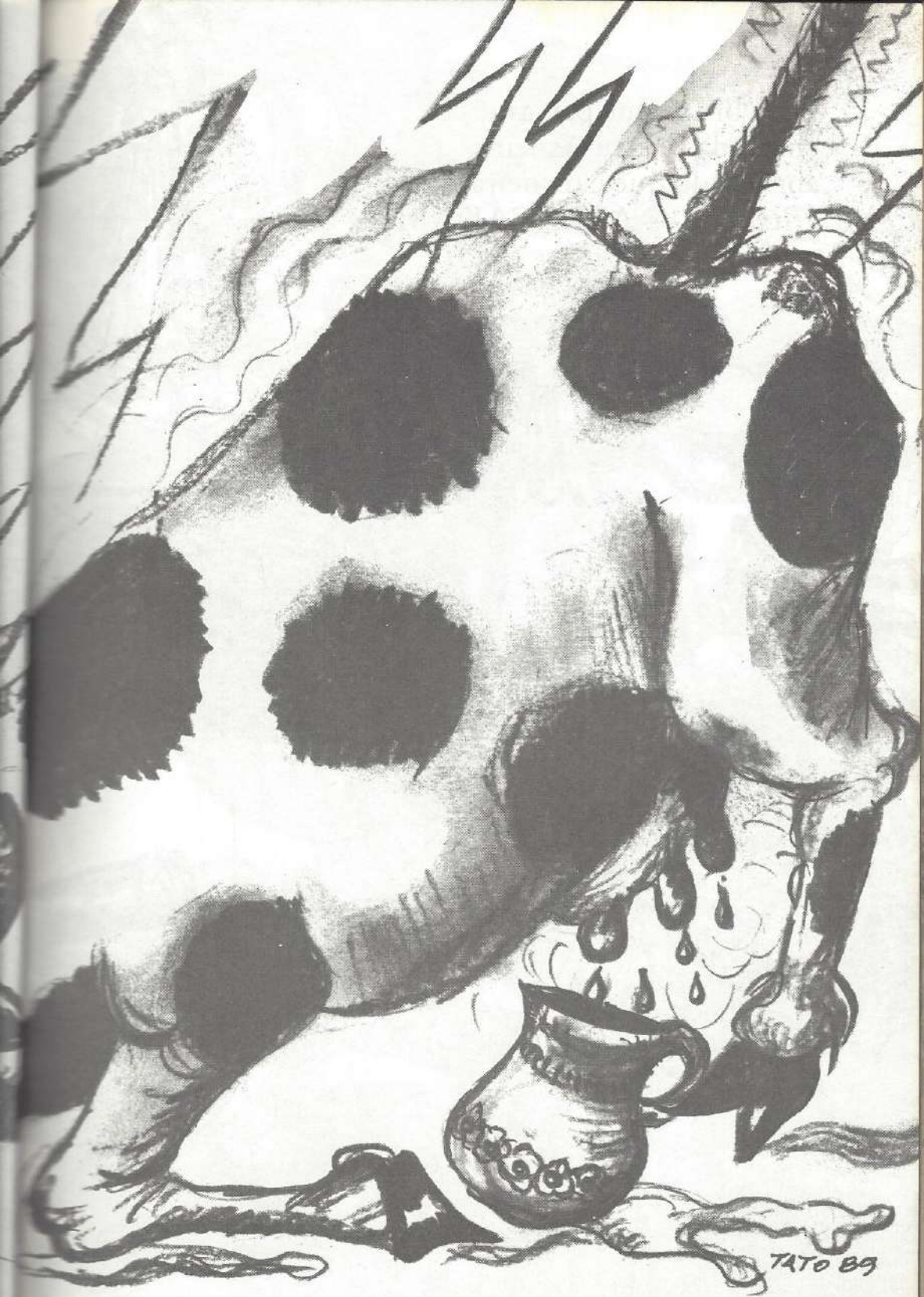
TATO 89

Do ovo nasceu um pato
elétrico, iluminado,
dançava roque de choque,
mas que pato eletrizado!
O pato levou no bico
a tomada da guitarra
e enfiou no focinho
de um gordo leitãozinho.
Choque-roque, roque-choque,
o leitão ficou magrinho,
derreteu todo o toicinho.
Tadinho!



Uma vaca avacalhada
escorregou no toicinho,
caiu toda esparramada,
com o rabo na tomada.
Coitada, tremia inteira,
pingava leite fervente
das tetas, numa leiteira!





TATO 89

Uma bruxa que passava,
chamada Frufru Asneira,
abriu tudo que é torneira,
gritando: — ABRACADABRA!





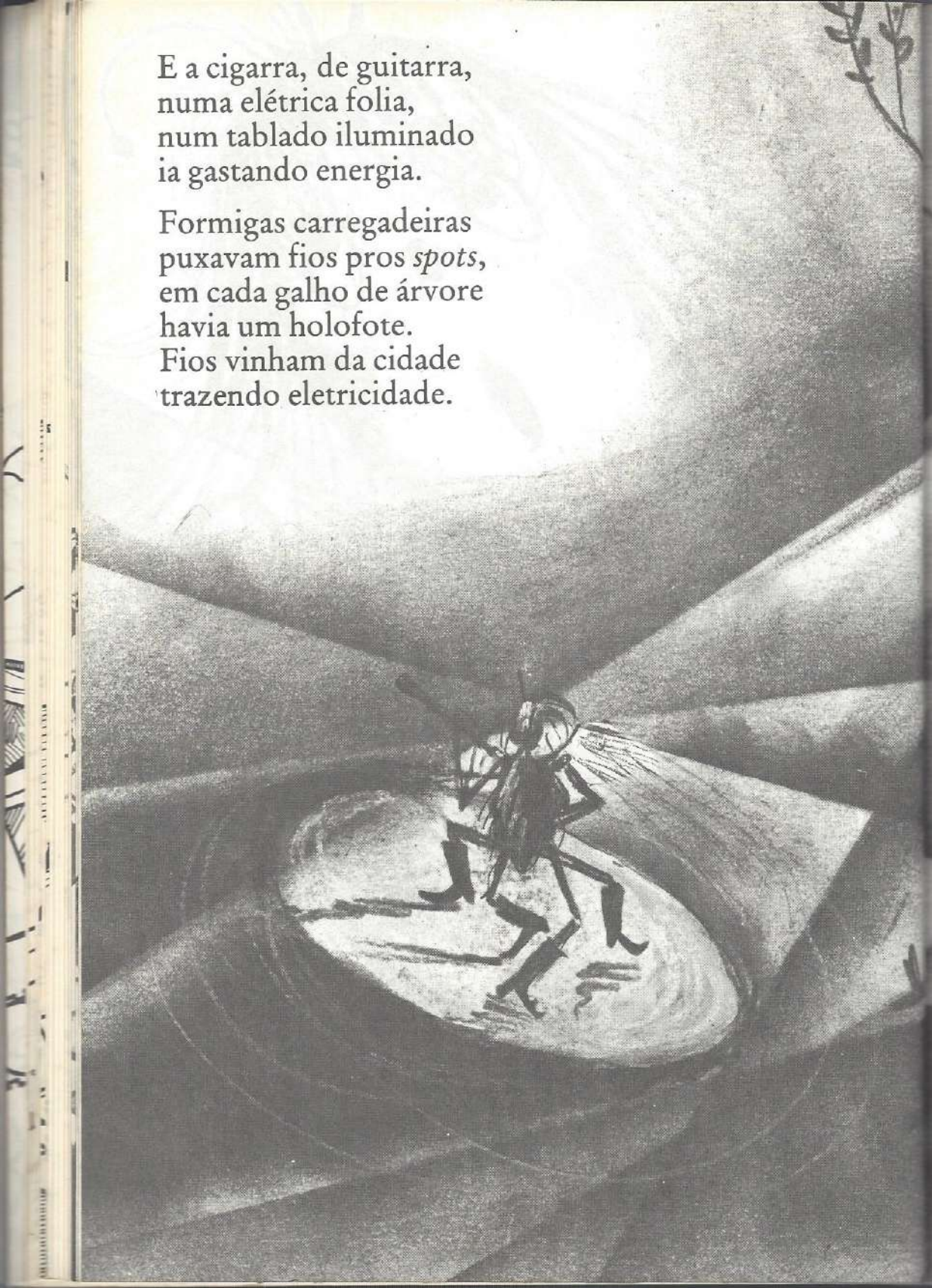
— Preciso de uma hidroelétrica
pra gerar mais energia!
esganiçava a cigarra
fazendo grande algazarra,
numa doida sinfonia.
Que cantora mais histérica!

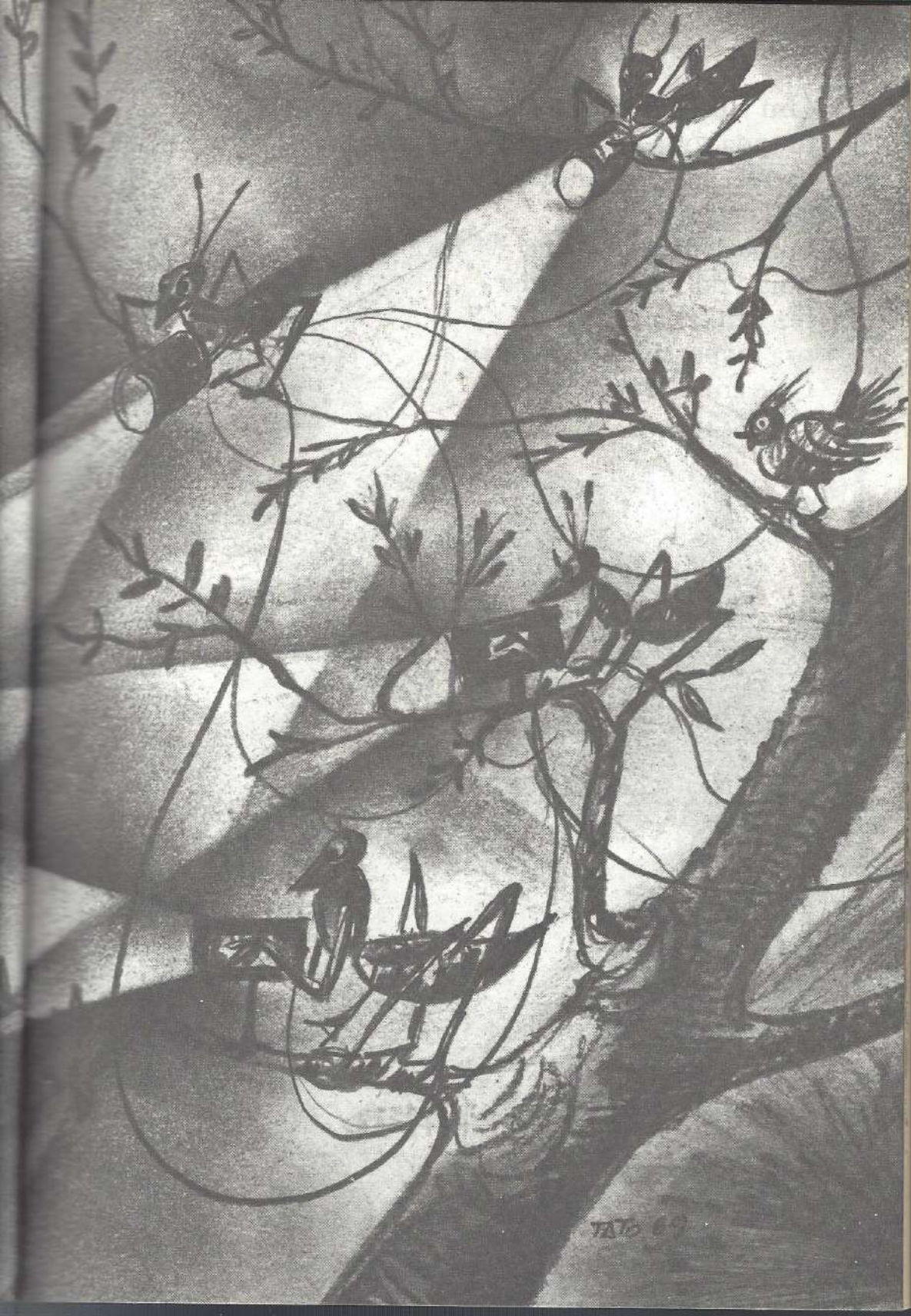




E a cigarra, de guitarra,
numa elétrica folia,
num tablado iluminado
ia gastando energia.

Formigas carregadeiras
puxavam fios pros *spots*,
em cada galho de árvore
havia um holofote.
Fios vinham da cidade
trazendo eletricidade.





Um rio se desembesta,
inunda toda a floresta,
chove chuva e canivete,
e a cigarra vedete
quase morre afogada,
pois a tal Frufru Asneira
fez bruxaria errada
pra inventar a hidroelétrica.
Que coisa tétrica!





E aconteceu um choque
na séria ecologia.
Era um choque faz-de-conta
que, inteiro, ia contra
a exata zoologia;
era coisa inventada,
mentirada,
história de fantasia:

Passarinho virou sapo,
se não era, parecia.
Dona Ema virou gia,
sereia virou piranha,
a pulga virou aranha,
montanha virou buraco,
banana virou macaco,
a lua enfeitou o dia,
perereca era peteca,
palmeira deu melancia.
O sertão virou um mar,
tal qual certa profecia,
jabuti virou foguete,
o sol foi ficando frio,
pingava como sorvete.
Tudo boiava e nadava,
mudava e navegava.
Santo Deus! Ai, credo cruz,
perdoa esta bestagem
Ó Doutor Oswaldo Cruz!
Brincando, nesta abordagem,
eu faço a minha homenagem.



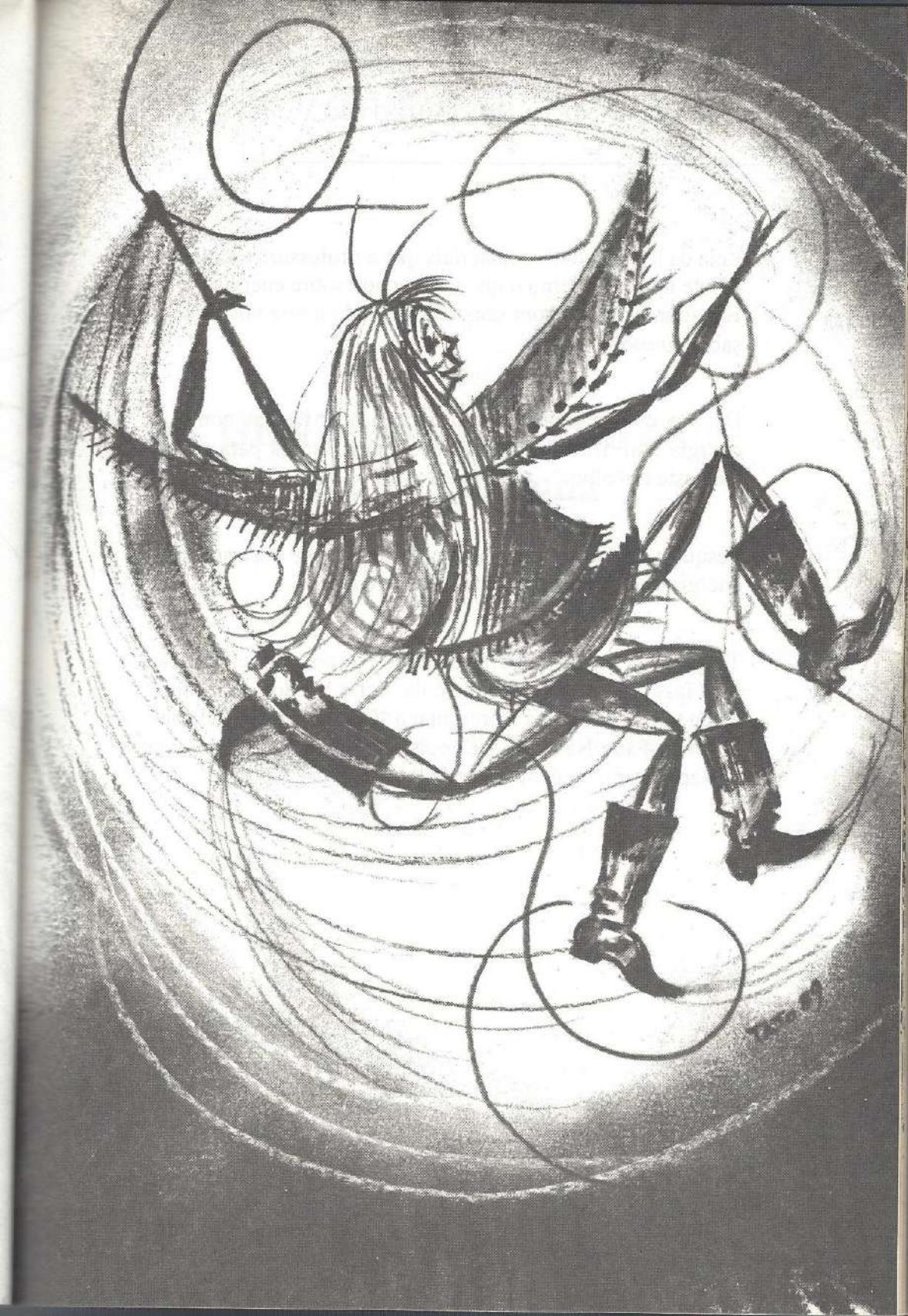


Dona Fada Natureza,
madrinha da ecologia,
que esta história ouvia,
resolveu ser personagem.
Natureza é uma beleza,
disse assim e disse assado:
— Vou consertar o errado,
seco tudo com a varinha,
uso sol e estrelinha,
uso o vento em movimento,
seco tudo com um trapo;
passarinho não é sapo!
Sopra, sopra ventania,
me ajuda, luz do dia,
tudo o que foi inventado
será muito bem-fadado!



1176 09

Como é linda a primavera!
Tudo voltou ao que era...
...era uma tal Dona Cigarra
seca, seca, por guitarra,
seca pra cantar um roque.
Pegou o fio da história,
trançou com um raio de sol,
sol do céu e sol bemol,
usou de nova energia,
requebrou o seu traseiro
e balançou sua pança.
Esta história é uma criança,
foi inventada em abril.
Em abril, dia primeiro,
que é o dia da mentira.
Por isso, a história pira.
Primavera em abril?
Será que foi no Brasil?



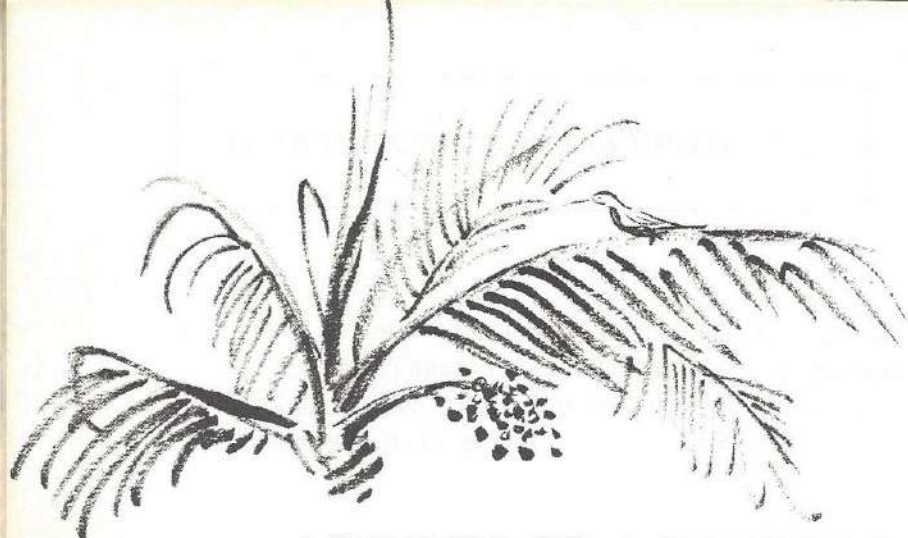
TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

1. Leia os livros e outros materiais que a professora escolheu. Anote no seu caderno o que você achou sobre energia. Em aula, comente com seus colegas tudo o que você ficou sabendo sobre energia.
2. Em sua casa, procure identificar todas as formas como a energia é utilizada, faça suas anotações e traga para a sua aula este trabalho.
3. Pesquise sobre algumas maneiras de como utilizamos a energia em nossa vida diária, sem desperdício.
4. Traga para a escola todos os materiais que possam ser usados para fazer um cartaz: tesoura, cola, tintas e tudo o mais que ajude você a criar para representar a “Cigarra” da história ou a “Dona Fada Natureza”. Depois, faça uma exposição em que apareçam, também, os trabalhos de seus colegas.



GENTE DA FLORESTA
Paula Saldanha

Ilustrações — Paula Saldanha



CAPÍTULO 1

A gente costumava acordar bem cedinho,
com o barulho dos bichos na mata.
Mamãe fazia tapioca e a gente
corria pro igarapé pra brincar e tomar banho.
Ou então ficar olhando aquela água clarinha
correndo pelo chão coberto de folhas.

A floresta era alta, com árvores gigantes
e uma bicharada linda que vinha conversar
todo dia de manhã.

O socó gritava lá de cima do pé de jauari.
A gente imitava ele daqui debaixo.
As maritacas passavam fazendo algazarra
e toda a criançada corria pro mesmo lado
fazendo uma barulheira danada.

Cada arara que pousava na copa das árvores
falava com a gente de algum modo
que eu não sei explicar.
E a gente espiava por trás dos troncos enormes
os veadinhos de olhos assustados
correndo atrás da mãe deles.



Anta e cutia tinha demais.

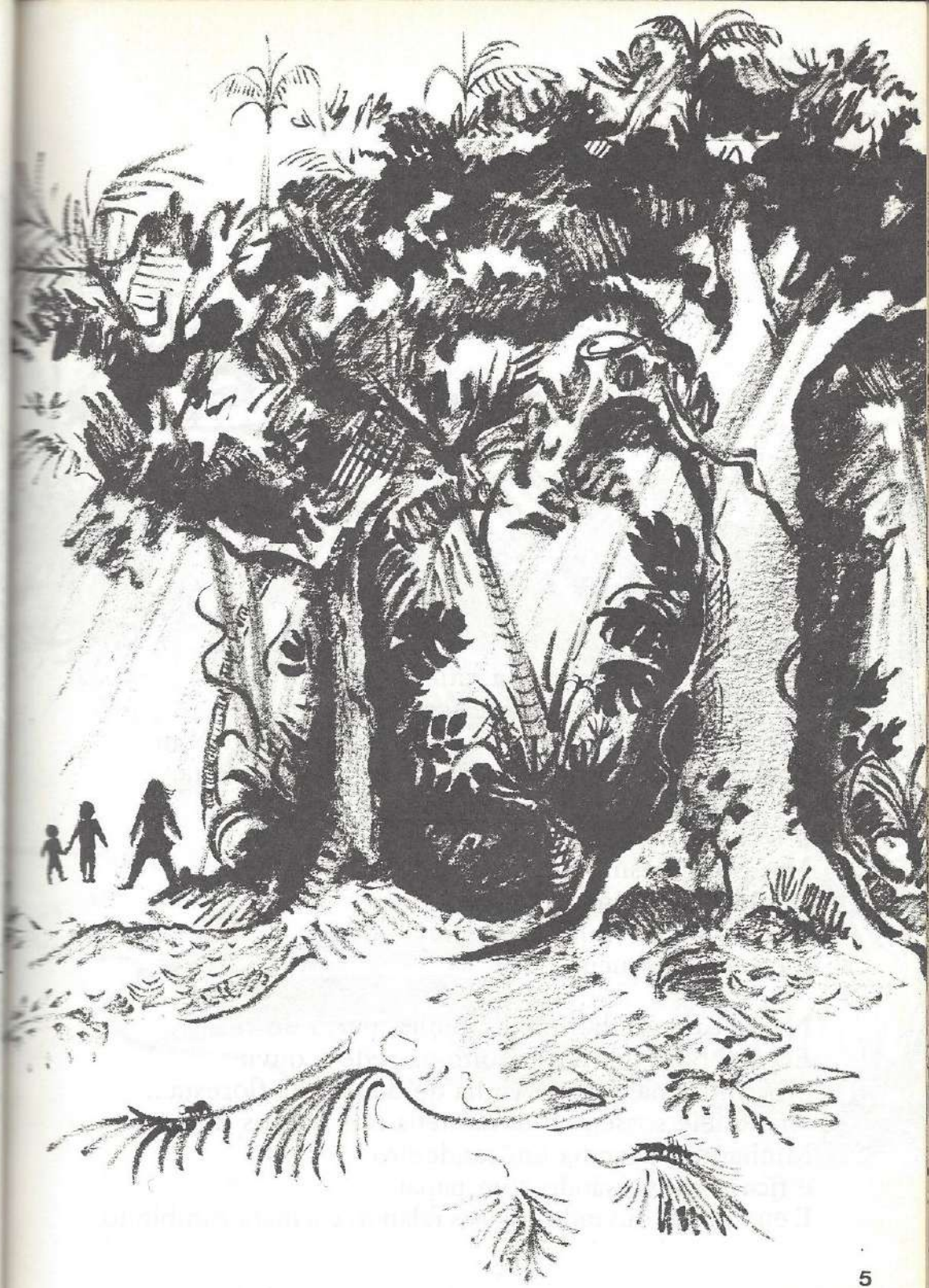
Elas vinham cedinho beber água no igarapé
e já estavam acostumadas com a nossa presença.
Mas o mais gostoso era brincar com os macaquinhos-de-
cheiro.

A gente aqui embaixo, chegando de mansinho no igarapé
e eles lá em cima, nos pés de cajá, curiosos,
vinham olhar e jogar caroço de fruta...

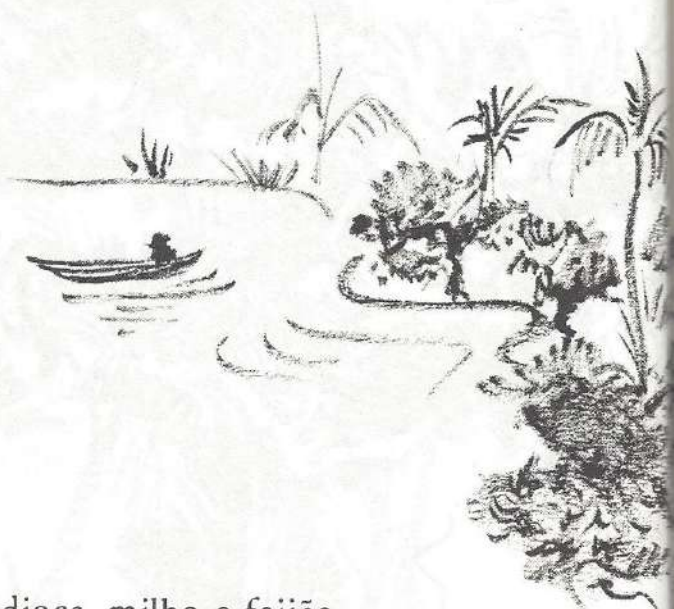
Eu me lembro bem dos dias lindos
quando eu entrava na mata.

Os raios de Sol pareciam fios de ouro
penetrando entre as copas das árvores...
e vinham iluminar um camaleão ou um besouro
escondido entre as folhas do caminho.



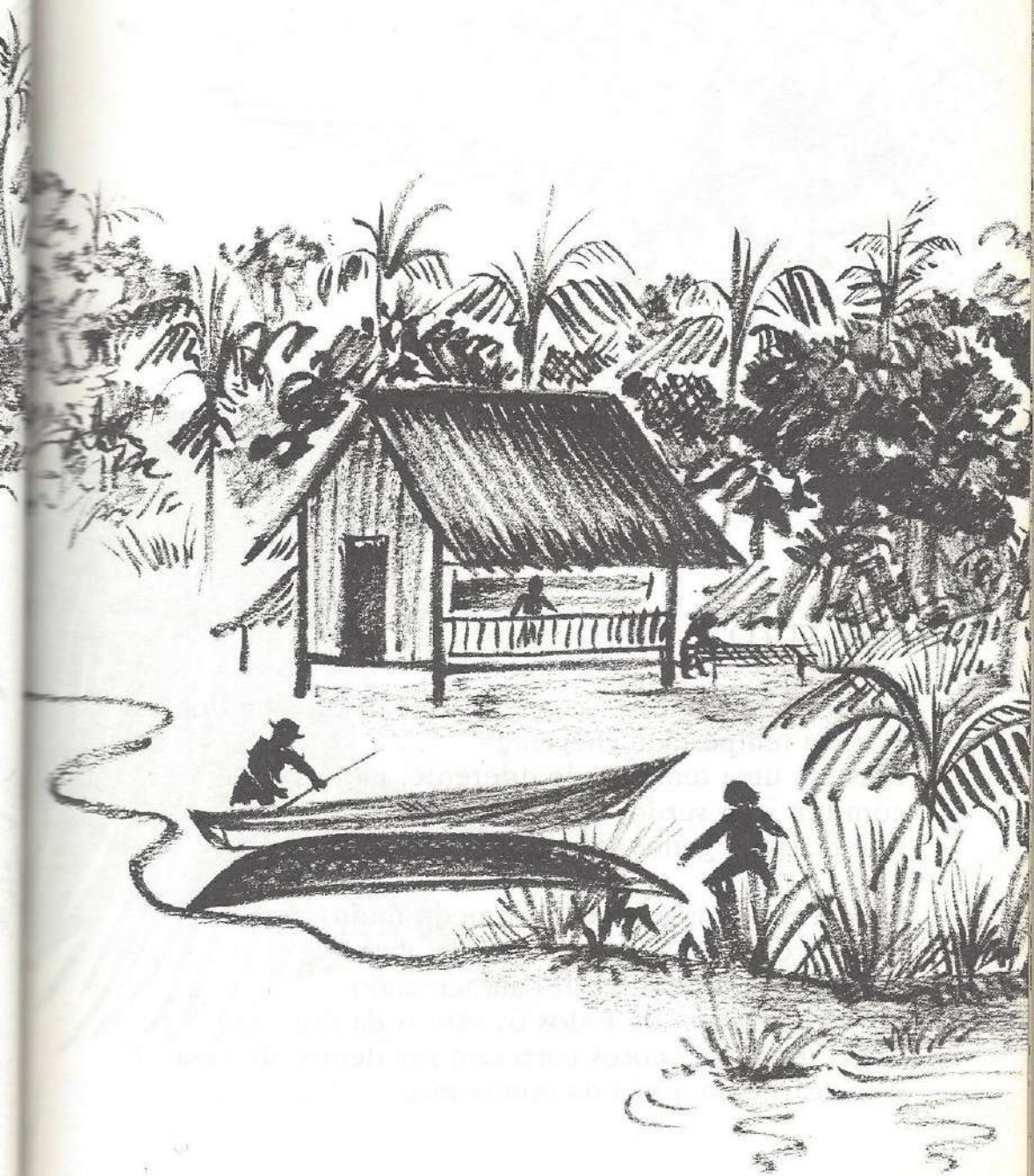


Vol 2 p. 54



Papai plantava mandioca, milho e feijão,
como os pais dele sempre fizeram.
A roça era pequena e dava pra família comer bem.
E ainda tinha por lá tudo que é fruta da floresta.
Ah! Quanto açaí, ingá, pupunha...
pra comer, fazer suco ou doce.
Mas bom mesmo era o peixe. Cada peixe!
A gente fazia uma festa enorme
quando papai vinha da pescaria do lago
trazendo pirarucu.

Nossa casa era bonita, limpinha, perto do rio.
Era tão bom deitar de noite na rede e ouvir
o barulho manso que vinha de dentro da floresta...
Aí, aquele sossego ninava meus três irmãos menores.
Minha mãe acendia um candeeiro
e ficava conversando com papai.
E eu dormia ouvindo os dois falando e a mata zumbindo.



CAPÍTULO 2

O barulho começou longe e ecoava por toda a floresta. Parecia tempestade chegando.

Mas era uma tempestade diferente: monstruosa, com um som surdo, misturado com estalos secos, que faziam a gente estremecer.

Eu era pequena e sentia um medo muito grande.

Parecia que o mundo inteiro ia acabar.

De repente, o barulho foi aumentando.

Os estalos saíam de todos os cantos da floresta.

Meus irmãos menores correram pra dentro de casa e se agarraram à saia da minha mãe.



Já tinha ouvido falar em gigante que só com um passo era capaz de derrubar toda uma floresta.

Mas gigante não era.

O barulho aumentou rapidamente e por cima das árvores, uma fumaça danada!

Logo depois, o céu ficou amarelo e vermelho, o fogaréu subindo, lambendo tudo!

Pau d'arco, sucupira, jequitibá...

aquelas árvores imensas, quase do tamanho do gigante foram sendo comidas pelo fogo.

Estava acontecendo!

Estava acontecendo aqui o que eu pensava que não ia acontecer nunca na minha floresta.

Aqui não!

Aqui era tudo sempre verde, molhadinho, quase ninguém por perto pra caçar ou derrubar madeira.

Há muito tempo não chove.

Mas isso não faz queimar a floresta!

E a minha floresta estava queimando.

O fogo vindo que vindo, bicho correndo no mato pra todos os lados, tentando fugir.



Na confusão, um veadinho se perdeu da mãe
e foi dar no descampado detrás da minha casa.
Ficou lá apavorado, atrapalhado,
sem saber o que fazer.
Eu também não sabia o que fazer.
Deixei o veadinho lá na beira do inferno
e corri pra casa chamando mamãe.

— Fogo! Fogo! A floresta está pegando fogo!
Minha mãe chegou na porta da casa,
com meu irmão menor arrancado do peito,
olhou manso pra mata queimando —
sem espanto, sem medo — e falou baixinho:
— Então eles fizeram mesmo... os homens fizeram...
— Que é mãe? Que foi? /perguntei aflita/.
— O que seu pai falou tava certo. Seu pai tinha razão.
Por isso, foi conversar com os homens e não adiantou...
Por isso, aqueles jagunços rondando por aí...
— Pra que, mãe? — perguntei, sem entender.
— Já tavam enxotando a gente daqui.
Avisaram que era pra gente procurar outro lugar
que essa terra aqui já tinha dono.
— Mas o fogo... — ainda tentei falar.



Mamãe voltou pra dentro de casa,
colocou meu irmão de novo no peito e falou:
— Tem medo não, filha. O fogo não chega aqui.
O descampado é bem grande.
Seu pai abriu essa clareira, mês passado,
já pensando no pior.
Esse fogo não vai matar a gente.
Só tenho medo dos jagunços e dos homens grandes
que estão mandando eles aqui.
Tem medo não, filha. O igarapé de dentro
não vai deixar o fogo passar.

Era dia de sexta-feira.
Papai tinha saído cedo pra falar com uns peões
de uma fazenda grande que tinham cravado na mata,
lá pros lados do Igarapé das Garças.

Dizem que era fazenda pra encher de boi,
mas só tinha umas vacas magrinhas com osso aparecendo
e cabeça pendurada, sofrendo com o calor da Amazônia.

Minha mãe fez um pacu ensopado.
A brasa do fogão, esquentando nossa comida,
me fazia lembrar uma conversa dos amigos do papai
sobre umas usinas com fogões imensos,
cheios de lenha pra derreter o ferro.
Eles contaram que as empresas do sul
botaram essas usinas aqui no norte
porque aqui tem muita floresta, muita madeira.
Aí derrubam a floresta, queimam a mata
e levam o carvão pra essas usinas.
Mas isso era lá pros lados do Pará.
Não aqui no Amazonas.



Então, por que estavam botando fogo na minha floresta?
Por que aquele inferno lá fora?
Por todos os cantos a mata virgem queimando,
ô mundo acabando... por quê?
Mamãe não falou direito.
Pelo menos não deu pra entender.

Também não deu tempo pra entender nada
depois que papai chegou do meio daquele inferno,
com uns homens esquisitos, dizendo pra tirar tudo da casa
e ir direto pra canoa.
Os homens gritavam, eram brutos e empurravam papai
com armas enormes na mão.
Não deram tiro.
Mas chutaram e derrubaram tudo que era nosso.

No meio da gritaria dos meus irmãos,
mamãe calada e apavorada, recolhia tudo que podia.
De repente fomos arrancados da nossa casa
e não dava mais pra voltar.
Muita coisa ficou pra trás.
No meu susto, misturado com medo,
só via a fileira de homens seguida por meu pai,
minha mãe e meus irmãos chorando sem parar.



Quanto tempo se passou de canoa descendo o rio...
a gente sentado em cima das tralhas, pingando de suor,
até chegar à Terra Nova — eu não me lembro.
Pegamos depois um barco maior,
cheio de bagagem e de gente até Manaus, a cidade grande.

Toda aquela gente estava na mesma situação.
Atravessando o Amazonas, olhando pra mata virgem
dos dois lados do imenso rio.
Eu só pensava na minha casa vazia,
na floresta queimando, na bicharada fugindo
e a gente deixando o pedaço de terra onde eu nasci.
E me perguntava:
O que será que está acontecendo?
Será que não vou ver mais igarapé de água clarinha,
pegar fruta na mata, comer peixe fresquinho
e brincar com cotia, arara e macaquinho-de-cheiro?
O que será que está acontecendo nessa Amazônia?

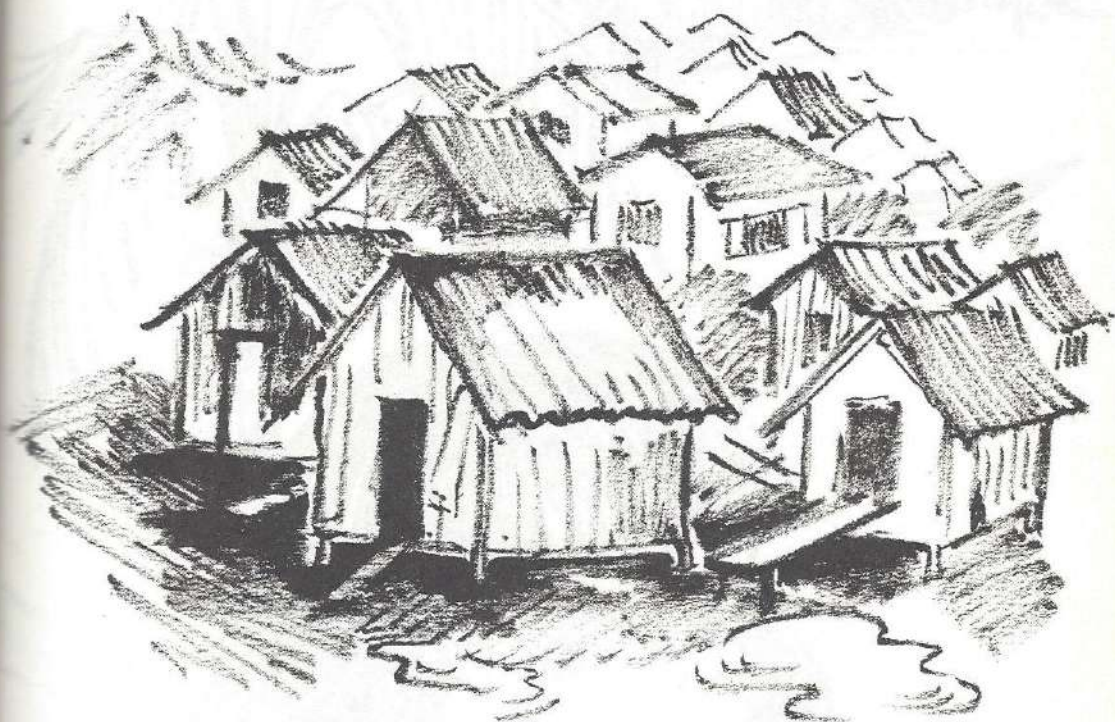


CAPÍTULO 3

Hoje, aqui em Manaus, morando num barraco
no meio da lama do bairro de Coroado,
vejo meus irmãos de barriga grande.
Mas é de doença, não de comida.
Comida, não dá pra comprar.
O rio da cidade quase não tem peixe
e não tem terra pra gente fazer roça.
A única coisa boa é a escola,
onde eu descubro coisas novas e tenho um monte de
amigos.

Sempre trago novidades da escola.
E o assunto este ano é o desmatamento da Amazônia.
Parece que agora o governo está assustado.
Até os estrangeiros começaram a reclamar na televisão
da destruição monstruosa da maior floresta tropical do
planeta.
E das emboscadas armadas contra os ecologistas
e caboclos que defendem a mata.

Nos jornais de Manaus, não sai muita coisa.
Mas dá pra entender que a situação está pra mudar.
Meu pai foi convidado pra trabalhar
num instituto de pesquisa, aqui em Manaus.
Esse novo emprego foi a nossa salvação na cidade grande.
Salário bom, comida no trabalho,
e médico pra toda a família.
Os cientistas do Instituto Nacional de Pesquisa
Amazônica contaram pro papai
que toda essa gente da floresta — índio, caboclo, colono —
não ia mais ser arrancada de suas terras.
Ninguém podia mais fazer queimada gigante
pra inventar fazenda de gado ou “projeto fantasma”,
nem usar a floresta virgem pra fazer carvão.





Será que agora eu vou poder, de novo, tomar banho no
igarapé de água clarinha,
pegar fruta na mata,
comer peixe fresquinho e brincar com cotia, arara
e macaquinho-de-cheiro?
Será que nossa família vai poder sair do Coroadó
e ter nossa terra de volta?
Hoje, eu sei que de alguma maneira,
a gente vai conseguir.

TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

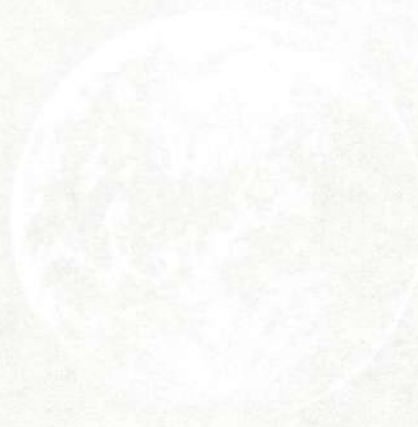
1. Agora que você já leu a história **Gente da Floresta**, ficou conhecendo, um pouco, o modo de se viver nas matas. Escreva, em seu caderno, o que mais lhe impressionou nessa história.
2. Atenda às sugestões de sua professora e trabalhe com seus colegas, imaginando como aconteceriam muitas coisas, na mata.
3. Responda no seu caderno:
 - Por que a floresta é importante para o homem?
 - O que acontece com os animais da floresta quando ocorre uma queimada?
 - Na nossa história, para onde foram as famílias cujas casas e plantações foram queimadas?
 - Será melhor para elas viverem nas cidades? Por que?
4. Desenhe na folha que a professora lhe der, o que mais lhe impressionou na história "**Gente da Floresta**".

O BURACO NO CÉU
Roseana Kligerman Murray

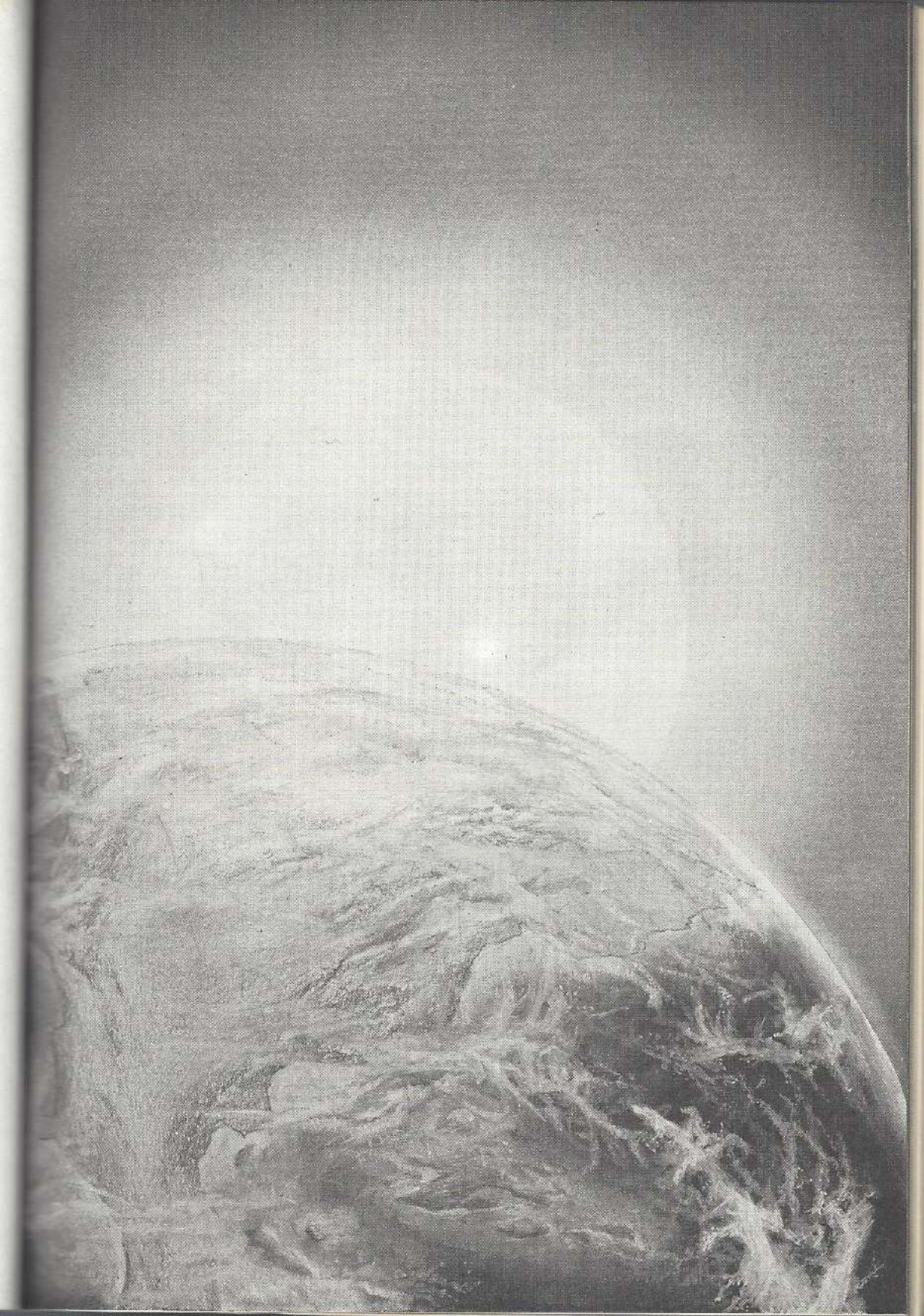
Ilustrações — **Eliane Soares**

Vamos falar do mundo. Desse planeta azul e belo, que viaja silencioso pelo céu. Com suas florestas, rios, lagos, montanhas e oceanos. Com seus bichos grandes e pequenos, baleias e formigas, beija-flores e leões.

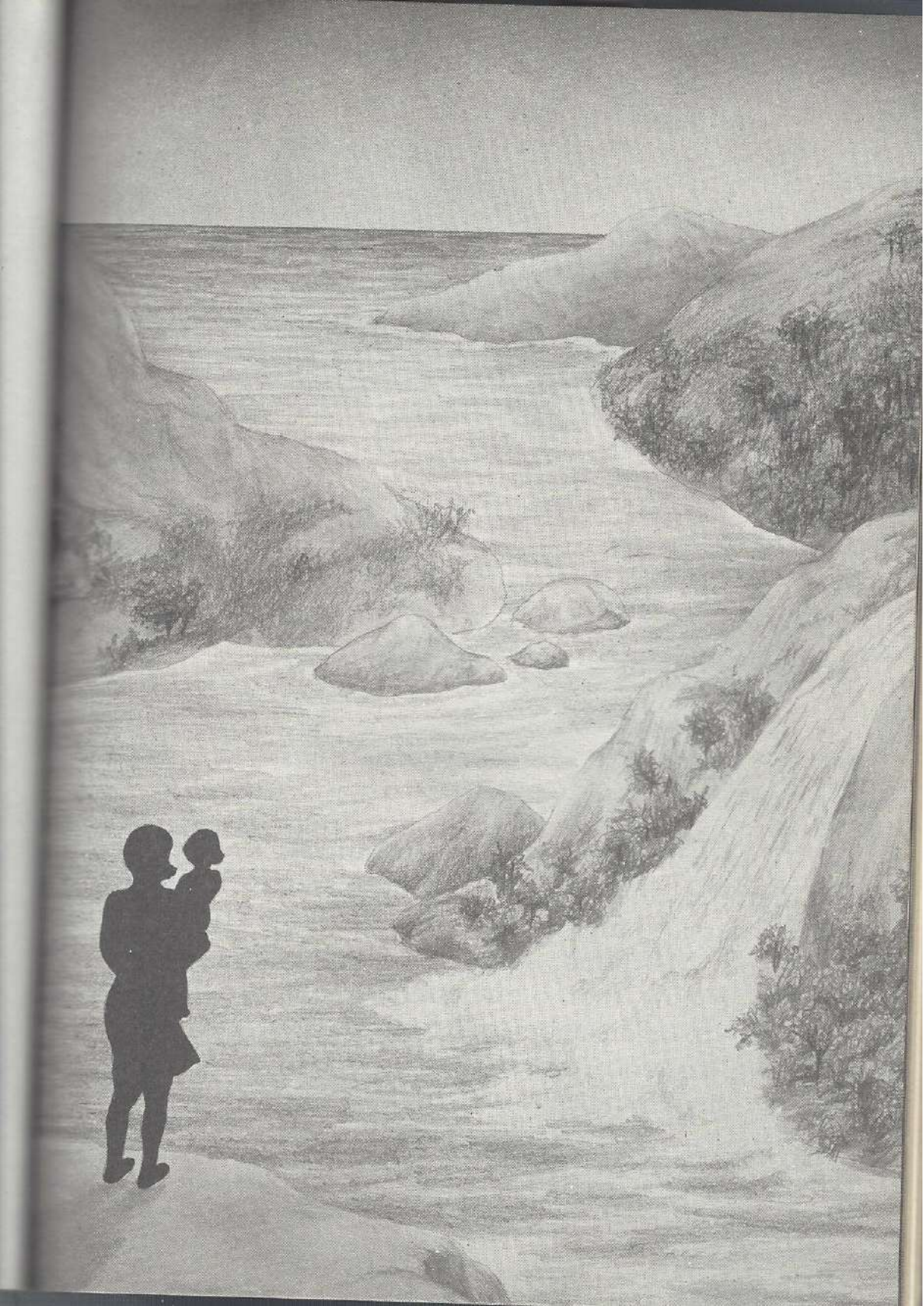




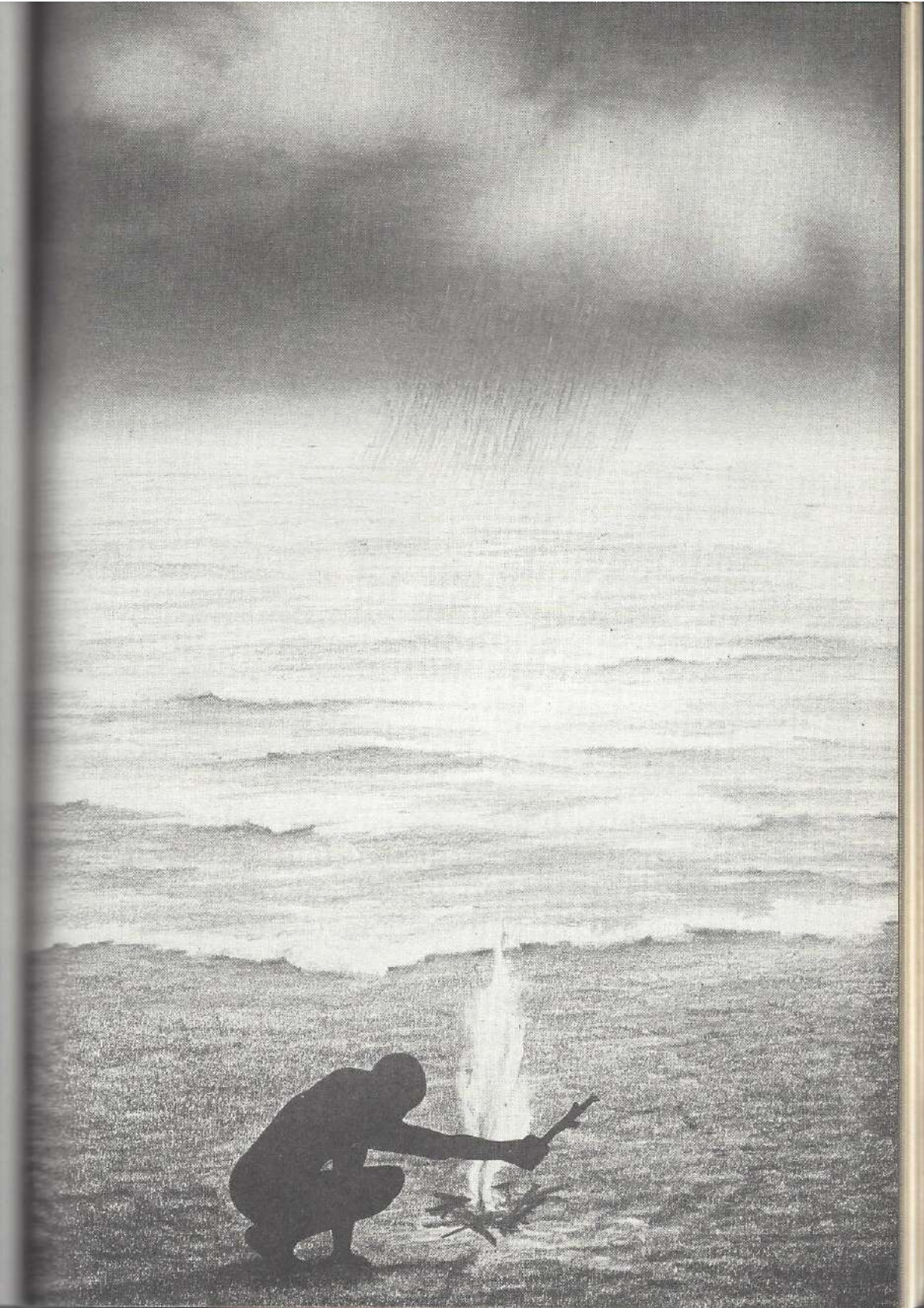
Este planeta Terra viajando há milhões de anos pelo céu, sempre a mesma viagem, cheia de beleza e silêncio.



A Terra, com suas florestas, rios, lagos, montanhas e oceanos, é a casa do homem. É este planeta que ele habita, é aí que constrói sua vida e seus sonhos. É neste planeta Terra que o homem nasce, cresce e morre, como toda e qualquer semente. É aí que o homem ama e faz seus filhos e foi assim desde sempre.

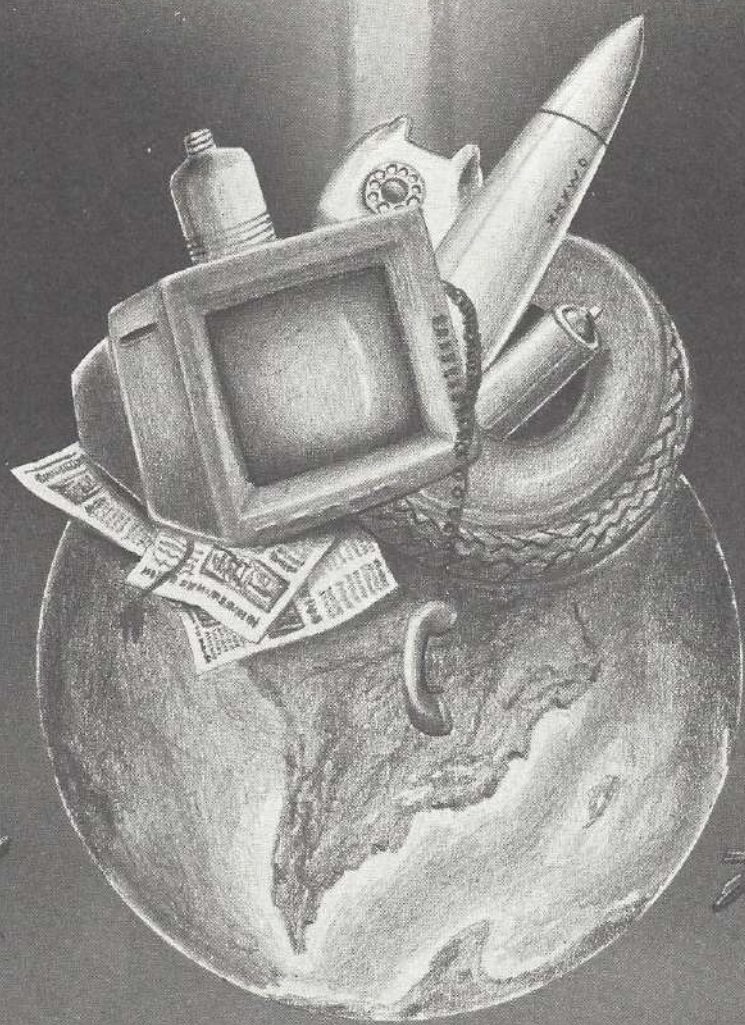


No começo, o mundo era imenso para o homem; e desconhecido e intransponível. Como atravessar o mar e dobrar montanhas e cruzar florestas? Mas pouco a pouco, ao longo desses milhares de anos, tudo o que conhecemos foi sendo inventado ou descoberto: o fogo, o ferro, o bronze, a roda, a carroça, os barcos, a luz, os trens, as máquinas, as máquinas, as máquinas...



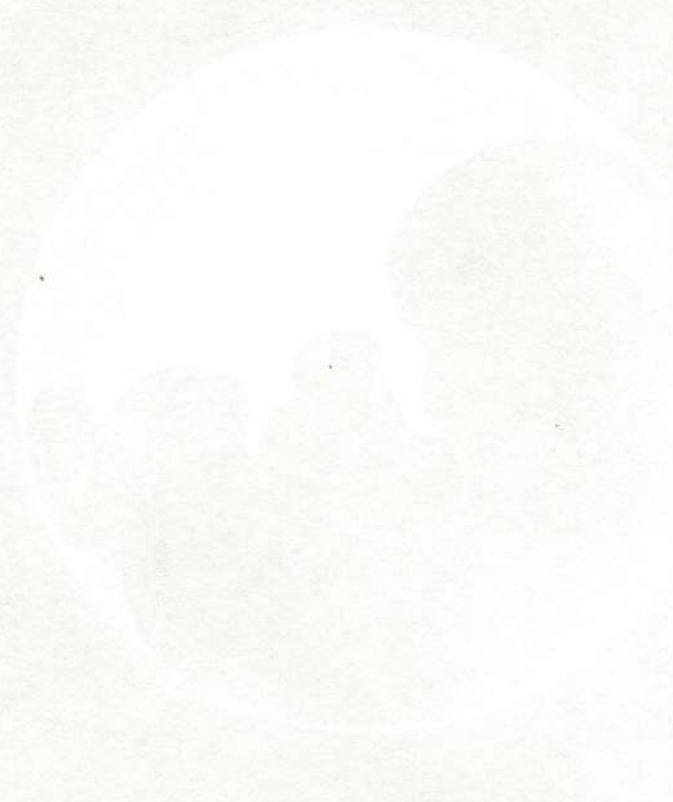
E lá se foi o homem inventando coisas, destruindo coisas, como um duende louco. Telefone, plástico, televisão, avião, foguete, bomba atômica, lixo atômico. E lá se foi o homem inventando a morte.

Sem pensar que outros homens virão, que os seus filhos terão filhos, o homem destrói florestas, bichos, mares e montanhas, enquanto a Terra navega silenciosa pelo céu.

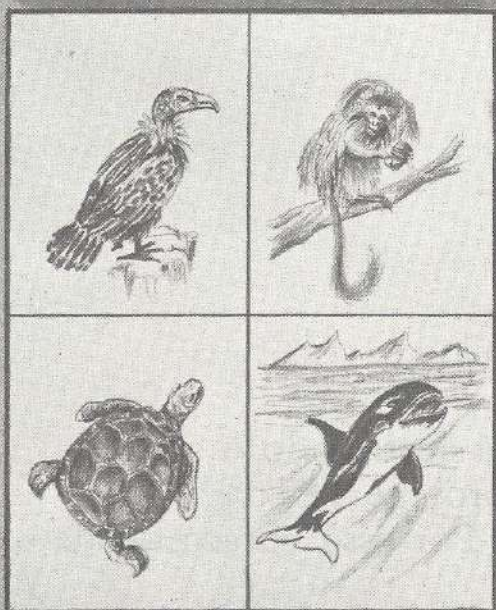
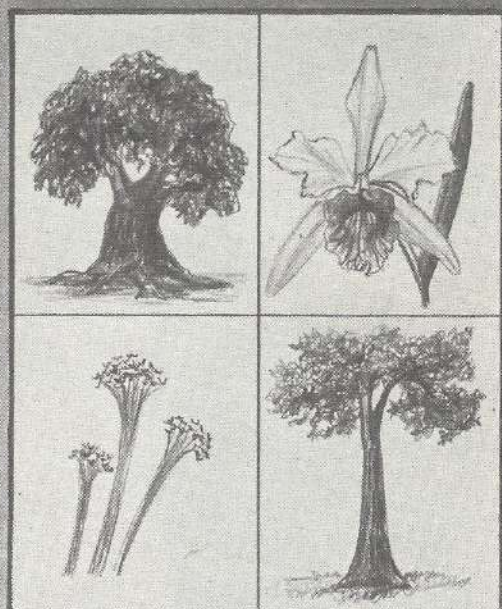
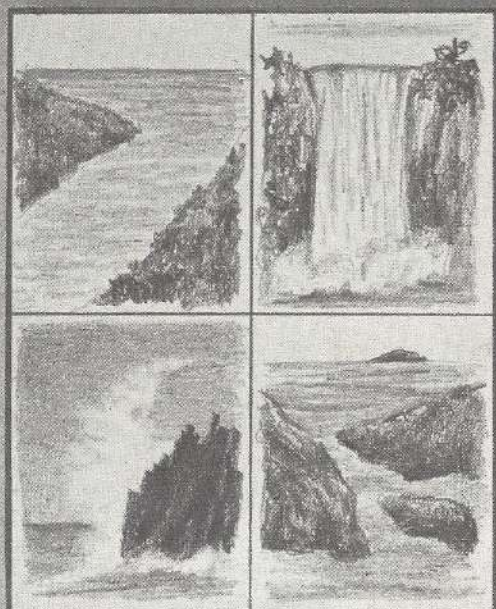


A Terra é a casa do homem. É neste planeta azul e belo que se faz o milagre da vida. Não conhecemos ainda nenhum outro planeta com vida. Por enquanto estamos sozinhos nesta aventura. Talvez, por isso, quando olhamos o céu, nos sentimos tão emocionados e pequenos.





Agora, nossos cientistas descobriram mais um grande perigo para essa nossa casa azul. Não só as plantas estão sendo destruídas. Não só os mares e os rios estão sendo poluídos. Não só os bichos estão sendo assassinados.



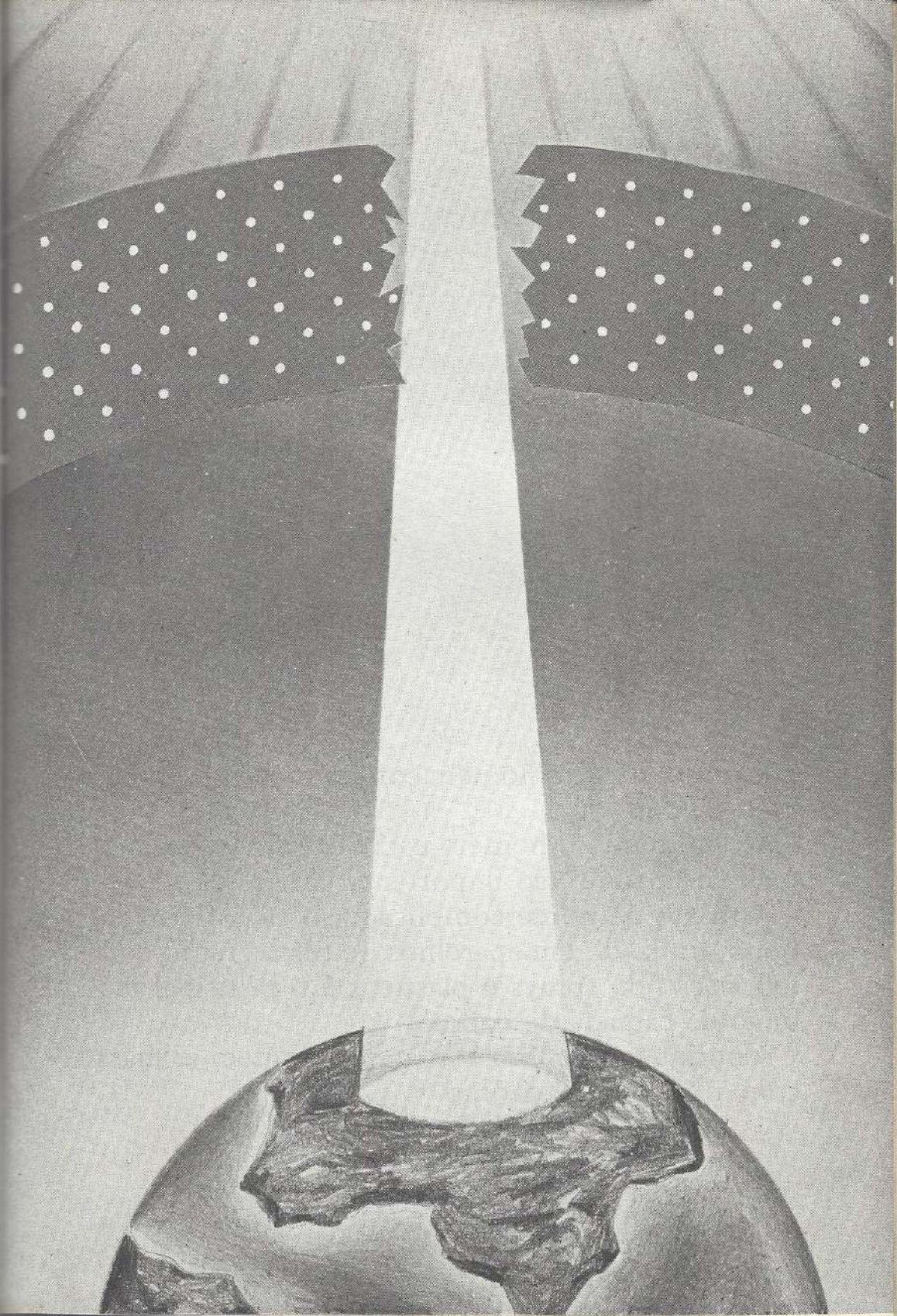
O homem também está destruindo o ar, a camada de ar que cobre e protege a Terra.

Há um buraco no céu. Por esse buraco a vida pode escapar.



A atmosfera da Terra é dividida em camadas: a inferior, é a parte que respiramos; a superior, é a estratosfera ou camada de ozônio.

Essa camada de ozônio protege a Terra dos raios ultravioleta que vêm do Sol e que são muito perigosos para o homem. Sem essa camada, os raios ultravioleta atravessam a estratosfera e nos atingem diretamente, provocando doença e morte. Não só para o homem, mas também para as plantas e os animais.

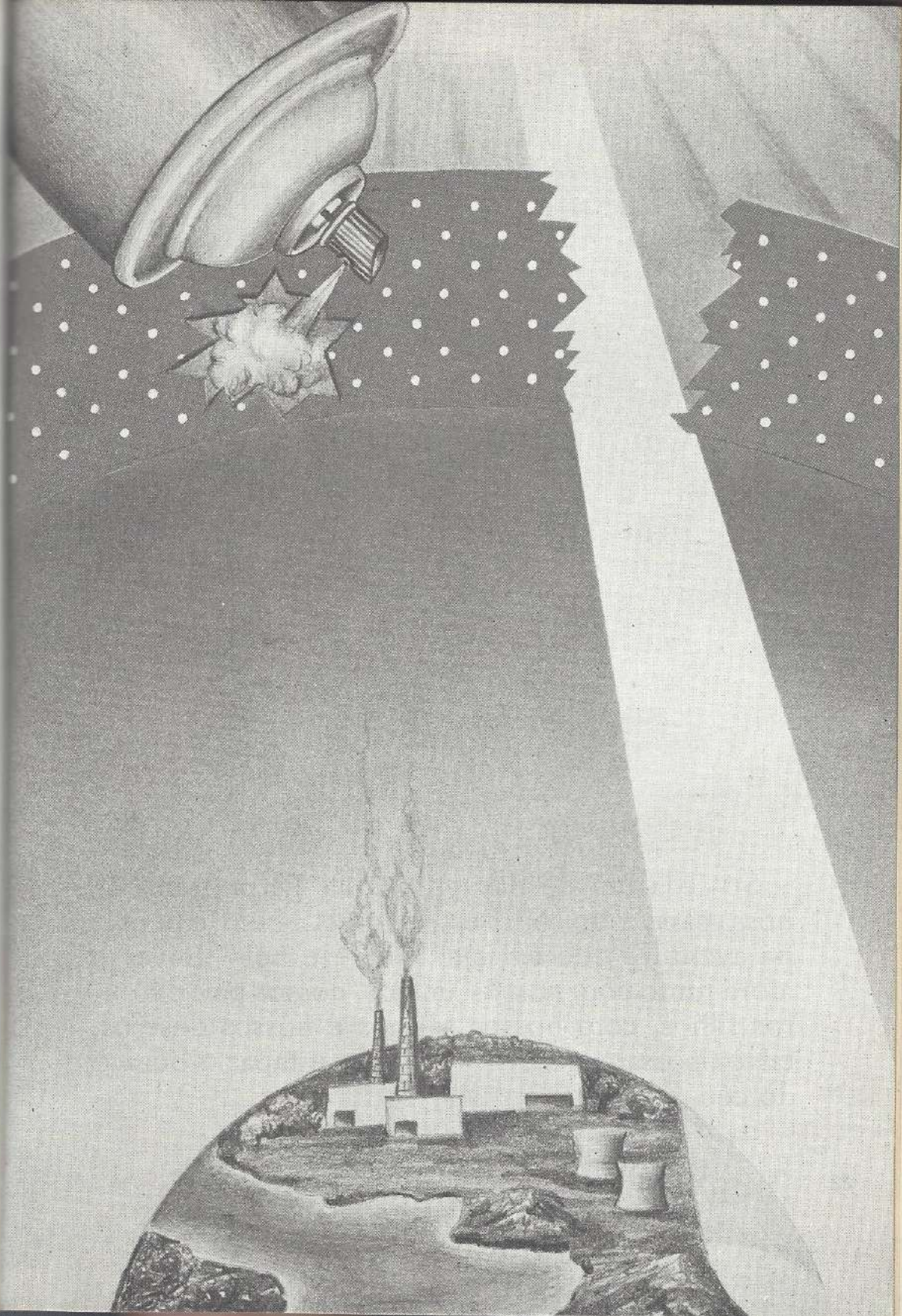


Como foi que o homem conseguiu fazer um buraco no céu?

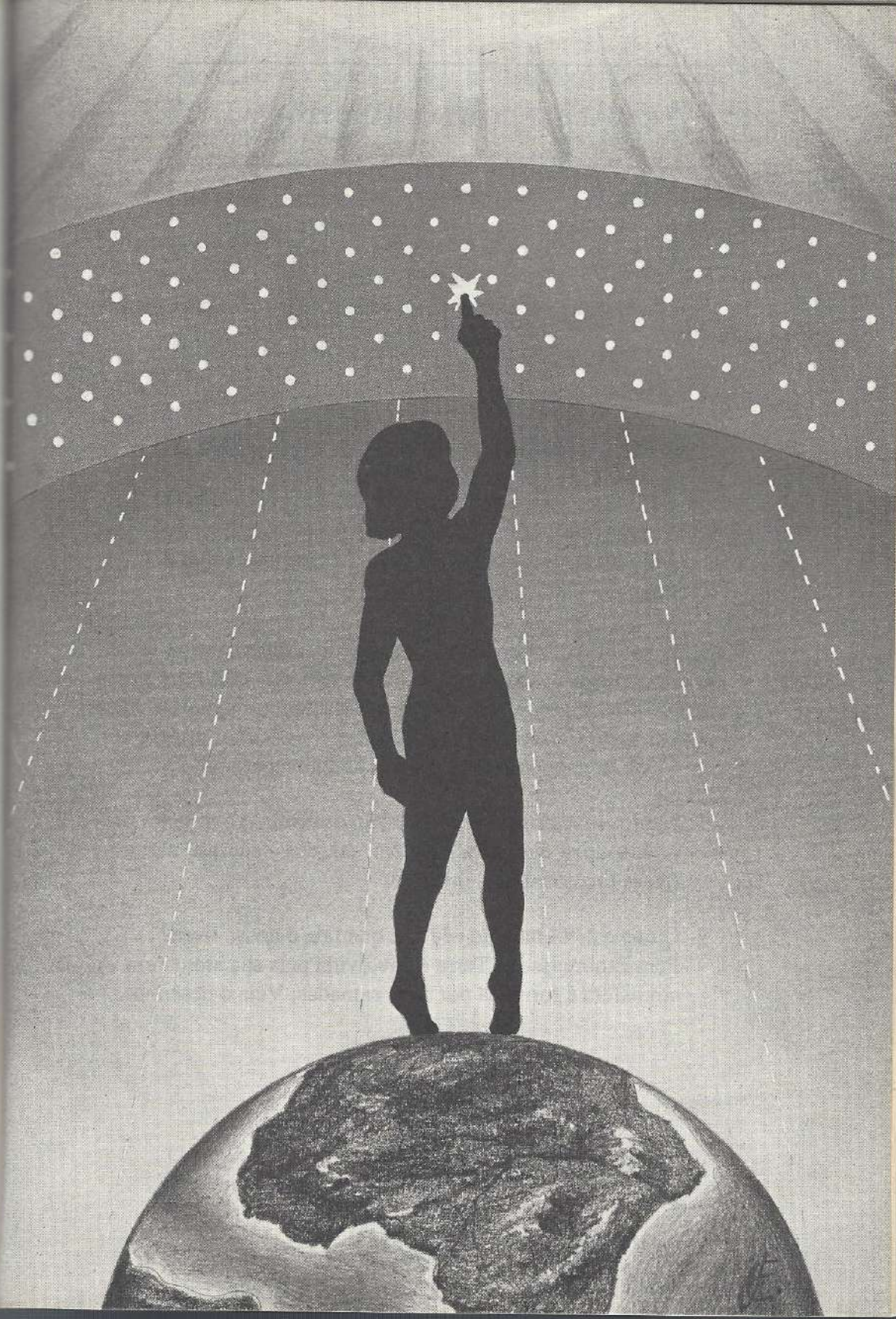
Como é que o homem está destruindo esta camada de ozônio tão importante para a sua vida?

Um gás de nome complicado, o clorofluorcarbono, utilizado em aparelhos de refrigeração e na fabricação de sprays e plásticos é o principal inimigo da camada de ozônio.

Continuando a usar este gás, o homem acabará com a camada de ozônio.



Se cada um de nós pensar na Terra como na nossa casa, e em como esse planeta é belo, e pensar na aventura que é viajar com ele pelo universo afora junto com nossos amigos, nossos pais e futuros filhos, com nossos sonhos e nossos desejos, talvez possamos salvar o mundo e tapar o buraco do céu.



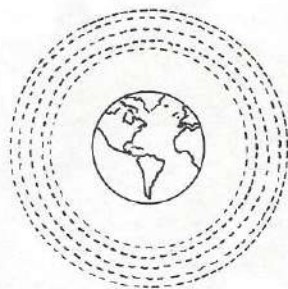
TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

O que você acabou de ler mostra que o problema da poluição não é só sobre a Terra, mas já está atingindo o céu.

Vamos ver o que você aprendeu e pode contar a seus pais, irmãos e amiguinhos?

— Trabalhe no seu caderno:

1. A Terra tem viajado há milhões de anos. Diga a eles onde essa viagem acontece.
2. A Terra é a casa do homem. Faça um desenho, com seus colegas, mostrando um pouco do que existe sobre a Terra: florestas, lagos, montanhas, etc.
3. Pelos anos afora, o homem descobriu muitas coisas e inventou outras. Pesquise em jornais e revistas, que você possa recortar, algumas das coisas que o homem inventou. Faça um painel, com os seus colegas, onde o título poderá ser: “Veja um pouco do que o homem já inventou...”
4. Muitos inventos do homem estão destruindo o mundo, prejudicando a natureza. Escreva, em seu caderno, algumas frases falando destes inventos.
5. O que é o “buraco no céu” de que fala o nosso livro? Pense sobre isso: a Terra é envolvida pela sua atmosfera. A atmosfera é formada por duas camadas. Veja o desenho.



6. Agora, no seu caderno, faça o desenho do buraco que o homem fez no céu e que está deixando passar os raios ultra-violetas do Sol.

Clorofluorcarbono, ou gás CFC, como é também chamado, é o gás que o homem usa e que está acabando com a camada de ozônio.

Muitos desodorantes, fixadores de cabelo, inseticidas e tintas, são acondicionados em tubos-spray, cujo propelente é o CFC.

Procure no texto que você leu e responda:

7. O que você pode fazer, em sua casa, para proteger a atmosfera? Converse com seus pais, irmãos, amigos e decidam algumas coisas práticas para evitar o uso desse gás.
8. Com a sua professora e colegas, faça uma visita a farmácias, supermercados e identifique os produtos que usam spray com esse gás. Façam uma lista. Depois, conversem com o gerente da loja visitada, contem o que vocês estudaram e peçam a ele que apóie uma campanha contra o uso desses produtos.

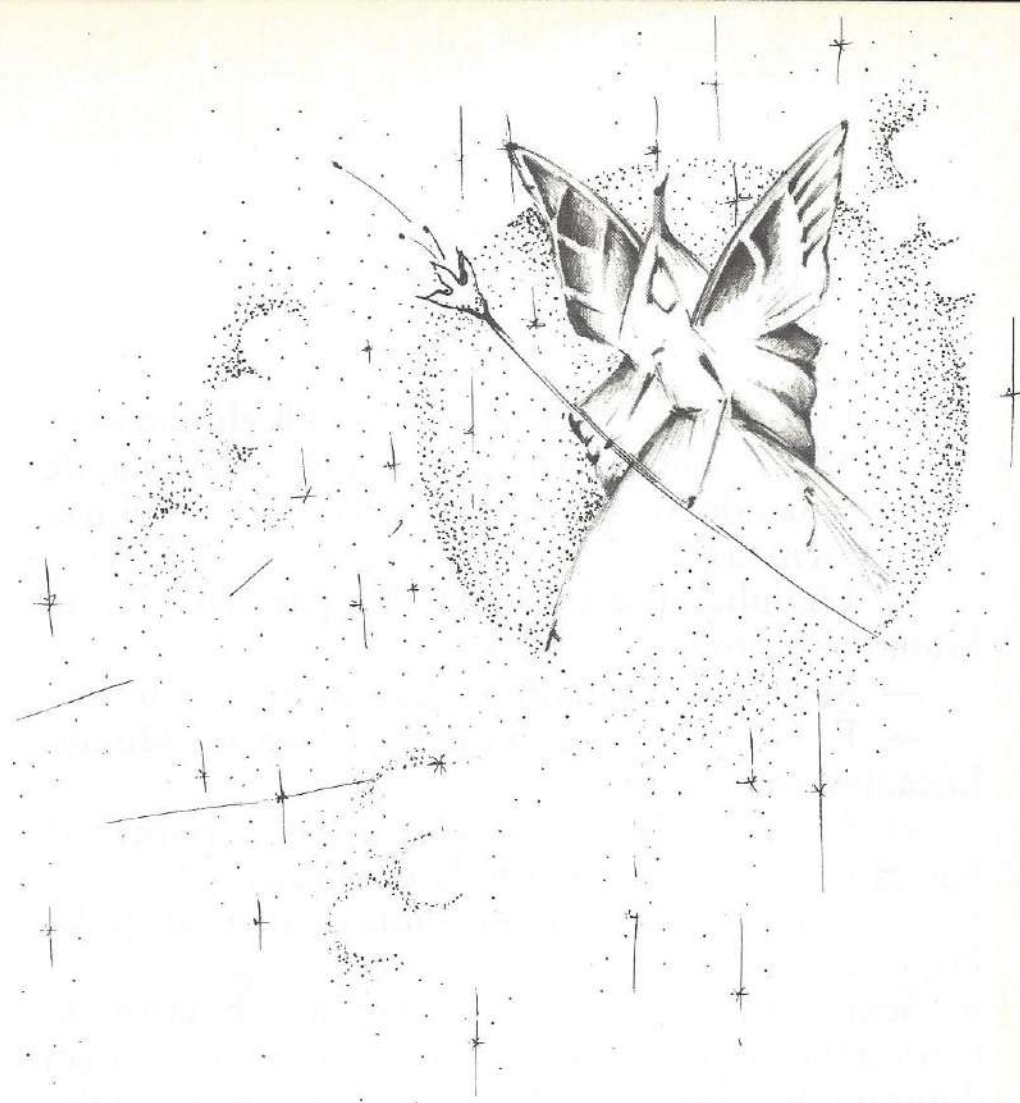
O MUNDO ENCANTADO
Maria Alice Aguiar

ilustrações — Jeanito Gentilini

Os três estavam reunidos em volta da mesa. Motivo: fazer um trabalho para o concurso da escola. Tema: Ecologia.

E era aí que a coisa pegava. Ninguém sabia direito o que era essa tal de Ecologia. Já tinham ouvido falar. Até haviam participado de uma passeata pelo verde. Mas daí a explicar o que é e organizar um trabalho ... Que dificuldade!





Foi quando começou a aparecer, no centro do papel, um borrão azul que foi crescendo, crescendo, crescendo ... E, de dentro dele uma vozinha:

— Crianças, cheguei.

Arregalaram os olhos de espanto quando viram aquela coisinha redonda, transparente, brilhante, agitada, que saía daquele azul. Voava pra lá ... pra cá ... pra lá ... pra cá ... até que conseguiu pousar no papel.



— Bom-dia! — disse Luzinha toda iluminada.

— Mas ... quem é você que surgiu assim, tão de repente, saindo de nossa cartolina? — perguntou Bebel fascinada.

— Luzinha, a seu dispor! Vim para levá-los ao Mundo Encantado.

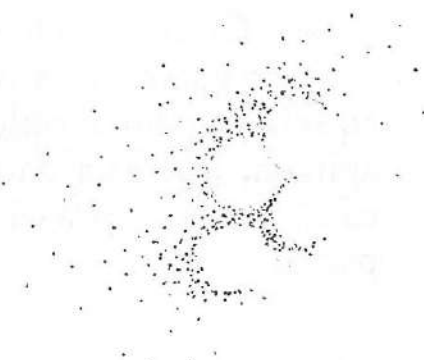
— Mundo Encantado? — espantaram-se todos.

— É. Ou vocês nunca ouviram falar do Mundo Encantado?

— Claro que já, mas isso não existe. É pura imaginação — disse Mariana toda ofendida.

— Existe, sim. Venham comigo e isto vai ajudá-los a fazer o trabalho. Querem vir?

Sem esperar resposta, Luzinha foi chuviscando luzes azuis sobre a cabeça das crianças que foram diminuindo, diminuindo, até ficarem do tamanho dela, com asas e tudo. Encantados com a transformação, entraram pela cratera azul da cartolina, voando rumo ao Mundo Encantado.





Pousaram num lugar bellissimo. Árvores. Flores. Frutos. Lago cristalino. Ar fresco.

— Que lugarzão! Que temperatura! — exclamou Pimpolho.

— E o ar? — respirou fundo Mariana.

— Venham ver a água! — gritou Bebel. É limpuríssima.

— Limpuríssima? — debochou Pimpolho.

— É sim, seu bobão! Mistura de limpa com puríssima. Não deu para sacar, não? E você aí falando de boca cheia!

— É manga. E está gostociosa!

— Gostociosa?

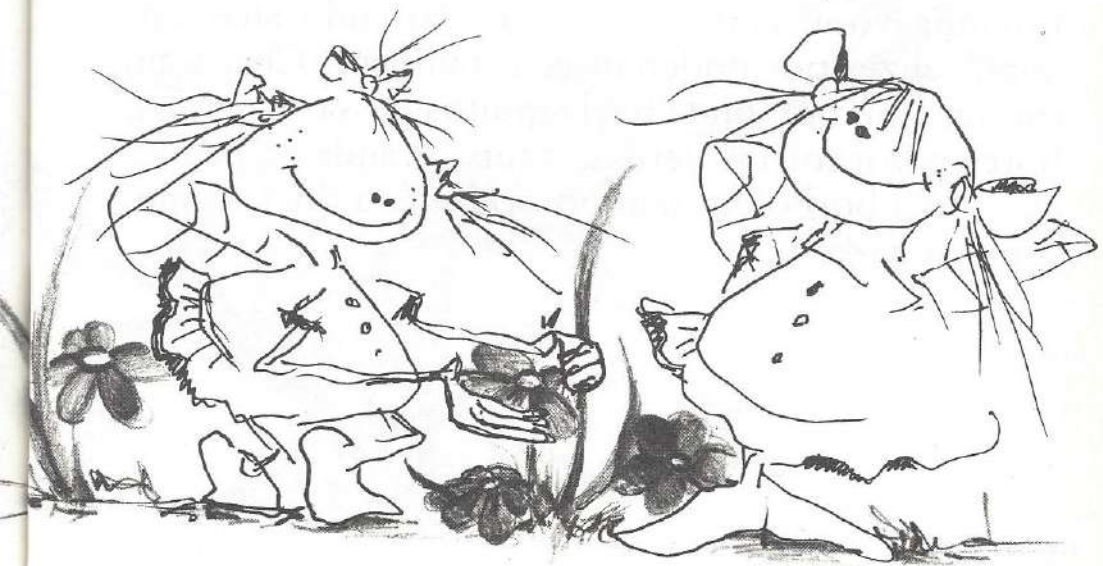
— Não dá pra sacar, não? É mistura de gostosa com deliciosa.

Bebel já ia dar um cascudo em Pimpolho quando Luzinha interrompeu.

— É isso aí crianças! Olhem só do que vocês estão gostando!

Da luz, da temperatura,
da água, do clima, do ar,
de tudo que faz a vida,
do que devemos cuidar.





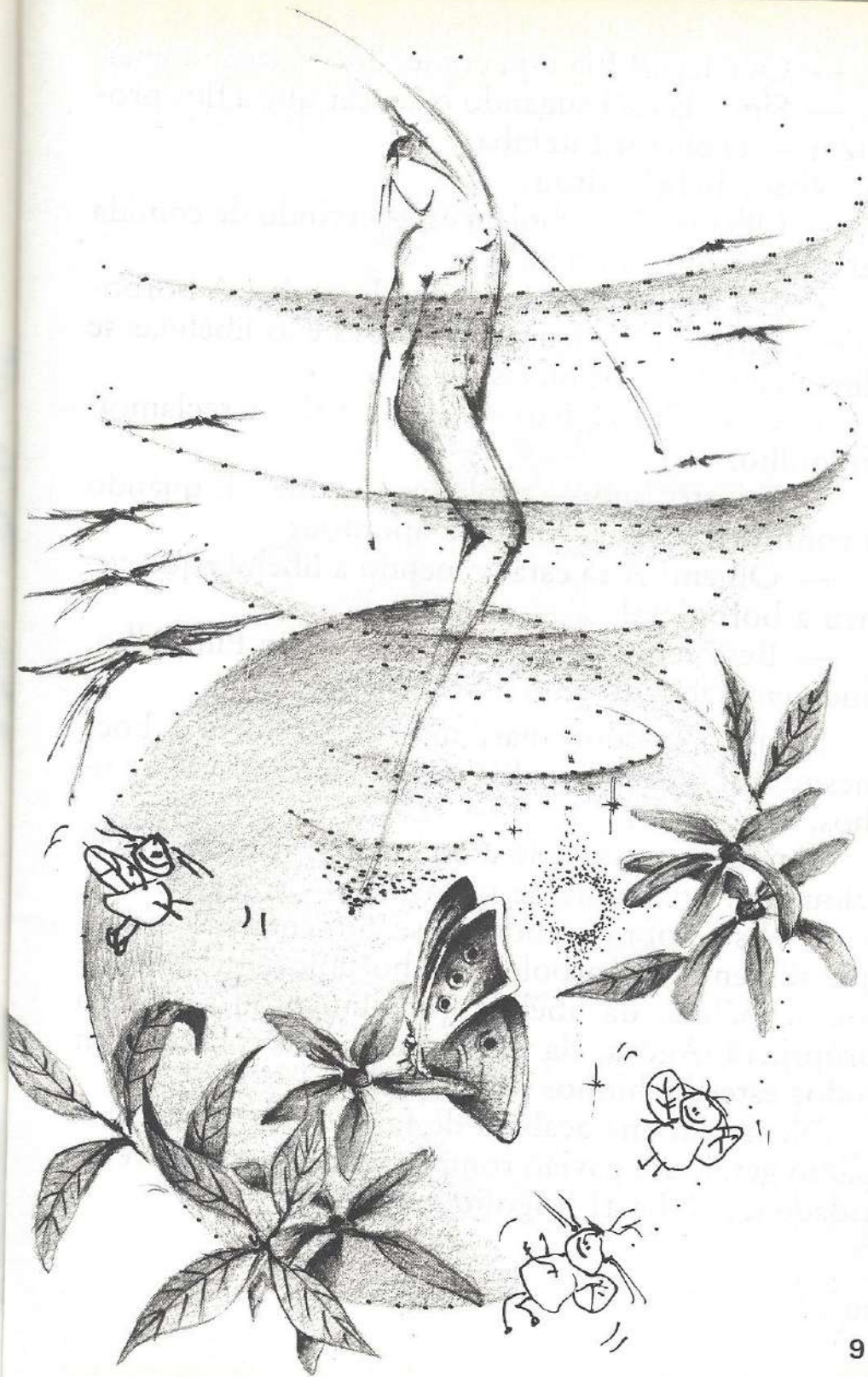
As crianças ainda batiam palmas para os versinhos de Luzinha, quando um barulhão veio se espalhando pelo ar. Começaram a tremer. Pernas, braços, corpos, asas. Ainda assustados, buscaram abrigo por trás de umas pedras. Mariana, apreensiva, perguntou:

— É o Bruxo do Mundo Encantado?

— Não — respondeu Luzinha. É apenas o Príncipe Ventania. Ele faz barulho, é forte, mas se aprendermos a lidar com ele, fica tudo bem. A Rainha Natureza sempre sabe o que faz.

— Ainda bem! — tranqüilizou-se Pimpolho. Nas histórias que tenho lido, reis e rainhas nunca sabem o que fazem.

Assim que o Príncipe Ventania se despediu, Luzinha voou com as crianças, batendo suas asinhas, felizes por poderem voar também. Chegaram em um pântano, onde havia muitos pássaros, grilos, flores e borboletas verdes, azuis, grandes e pequenas. Uma borboleta azul pousou numa flor e começou a sugá-la.



— Que legal! Ela está comendo! — disse Bebel.

— Sim, ela está sugando o açúcar que a flor produziu — explicou Luzinha.

Nisso, Bebel gritou:

— Olha lá! A borboleta está servindo de comida para aquele bichinho ali!

— É a libélula — respondeu Luzinha. A borboleta se alimenta do açúcar das flores e as libélulas se alimentam das borboletas.

— Coitadinha! Isto não é justo! — reclamou Pimpolho.

— É justo, sim — explicou Luzinha. E quando ia continuar a falar, Mariana apontou:

— Olhem! A rã está comendo a libélula que comeu a borboleta!

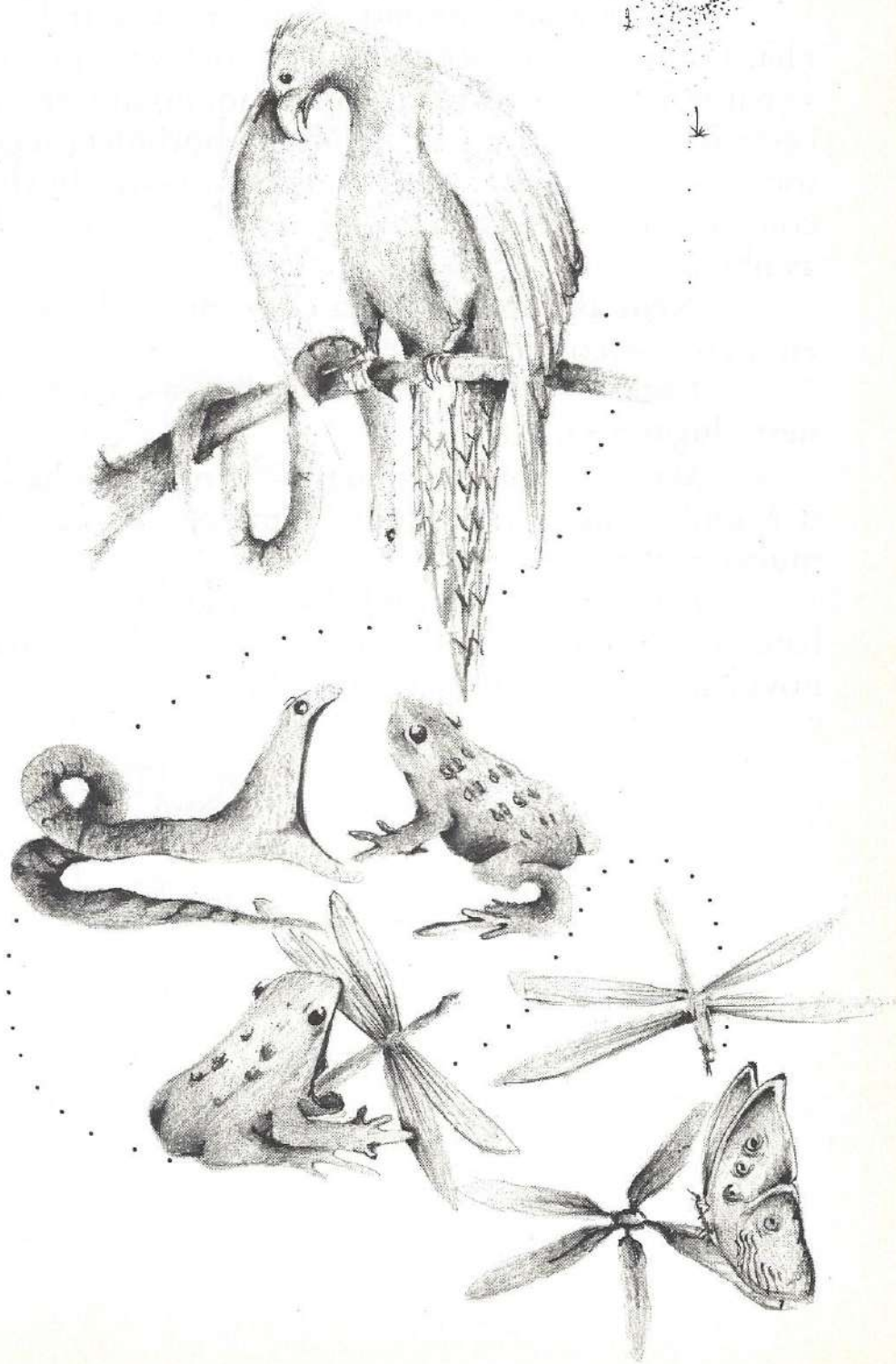
— Bem feito para a libélula — disse Pimpolho, ainda emocionado com a borboleta.

Luzinha ia continuar, mas quem abriu a boca mesmo foi uma cobra d'água que, num piscar de olhos, engoliu a rã.

Mariana, que a tudo atentamente acompanhava, falou com um toque de raiva:

— Esta cobra acabou de se alimentar do açúcar que alimentou a borboleta, da borboleta que alimentou a libélula, da libélula que alimentou a rã e da própria rã. Agora, ela vai tirar uma bela soneca, com todos estes bichinhos dentro dela...

Nem Mariana acabara de falar quando, para espanto geral, um gavião rompeu o ar em grande velocidade e... Nhact! Engoliu a cobra.



— Que guerra! — pensou alto Pimpolho. Ninguém está em paz em lugar algum.

— Mas é assim mesmo — voltou a falar Luzinha. Foi bom que vocês puderam observar uma coisa natural. Cada animal só comeu aquilo que era necessário à sua sobrevivência. Nem a borboleta sugou todos os açúcares de todas as plantas, nem a libélula comeu todas as borboletas, nem a rã destruiu todas as libélulas.

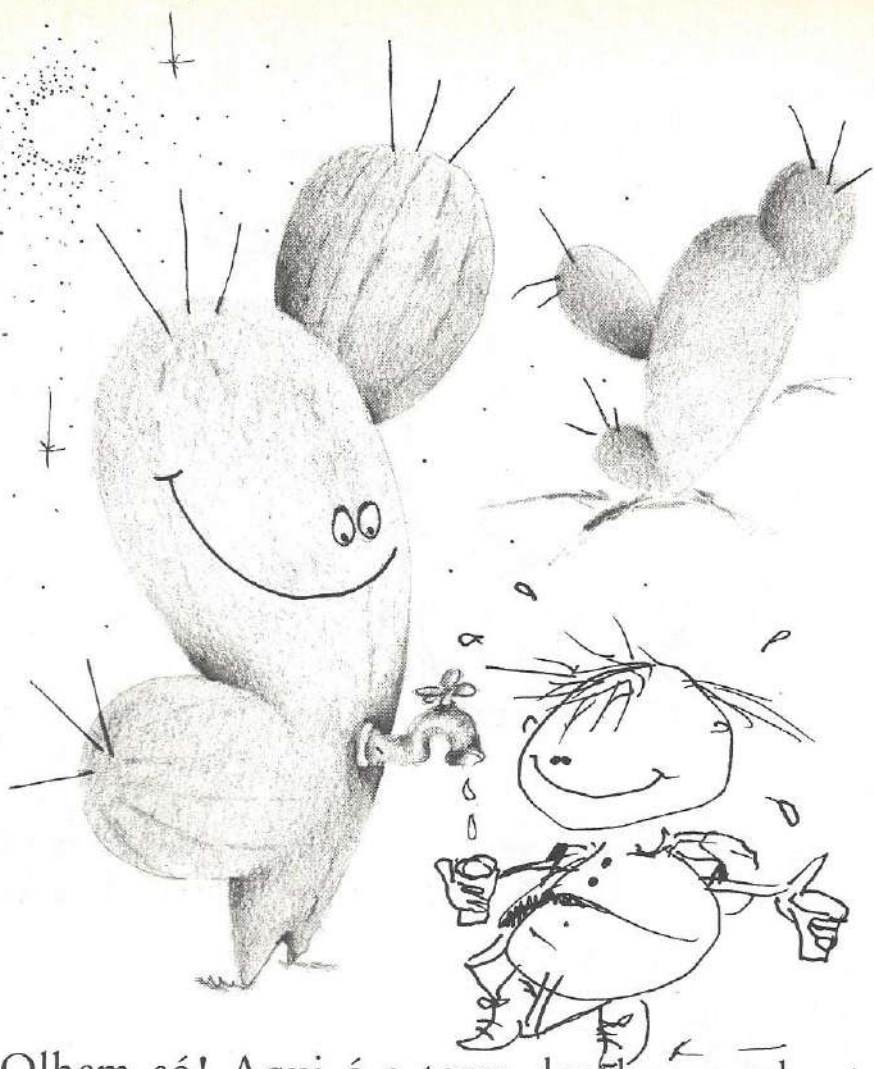
— Nem as cobras d'água comeram todas as rãs etc., etc. — continuou Bebel.

— Legal — exclamou Pimpolho —, eu ficaria neste lugar a vida toda!

— Mas temos de continuar — falou Luzinha —, o Mundo Encantado é um “mundo”, e ainda há muito para ver.

— A postos e ... voando! — ordenou Bebel, já batendo as asas e subindo, louca para conhecer mais novidades. E voaram para bem longe.





— Olhem só! Aqui é a terra dos bruxos do Mundo Encantado? — perguntou Pimpolho, muito sério.

— Nada disso. O deserto também foi feito pela Rainha Natureza — respondeu Luzinha.

— Mas quem é que consegue viver aqui? — indagou o menino.

— O cacto, por exemplo. Nasce, cresce e se cria no deserto. E dentro dele tem água para matar a sede dos viajantes.

— E os camelos — lembrou-se Mariana. Eles também conseguem viver no deserto.

— Isto porque nunca têm sede — disse Bebel.

— Não é bem assim — explicou Luzinha. É que todos nós possuímos recursos para lutar pela nossa sobrevivência. O camelo consegue ficar muito tempo sem beber água porque possui um estômago cheio de divisões. Ele enche essas divisões de água e depois as fecha, só abrindo-as quando tem sede. Além disso, ele tem dois dedos em cada pata e, por baixo deles, uma parte fofa, que parece uma sandália. É esta proteção que permite que ele ande na neve, no gelo e nas areias quentes e soltas do deserto.



Mariana, emocionada, poetizou:

— Como é interessante,
a Rainha Natureza,
ela parece mesmo,
uma caixinha de surpresa.

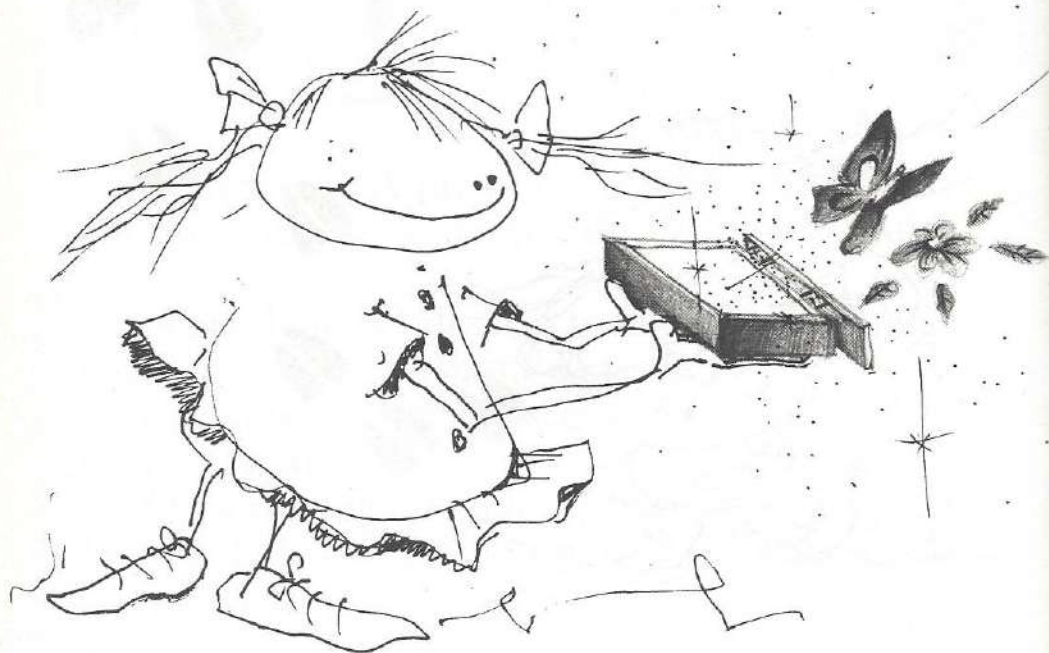
— Que bonito, Mariana! — disseram todos.

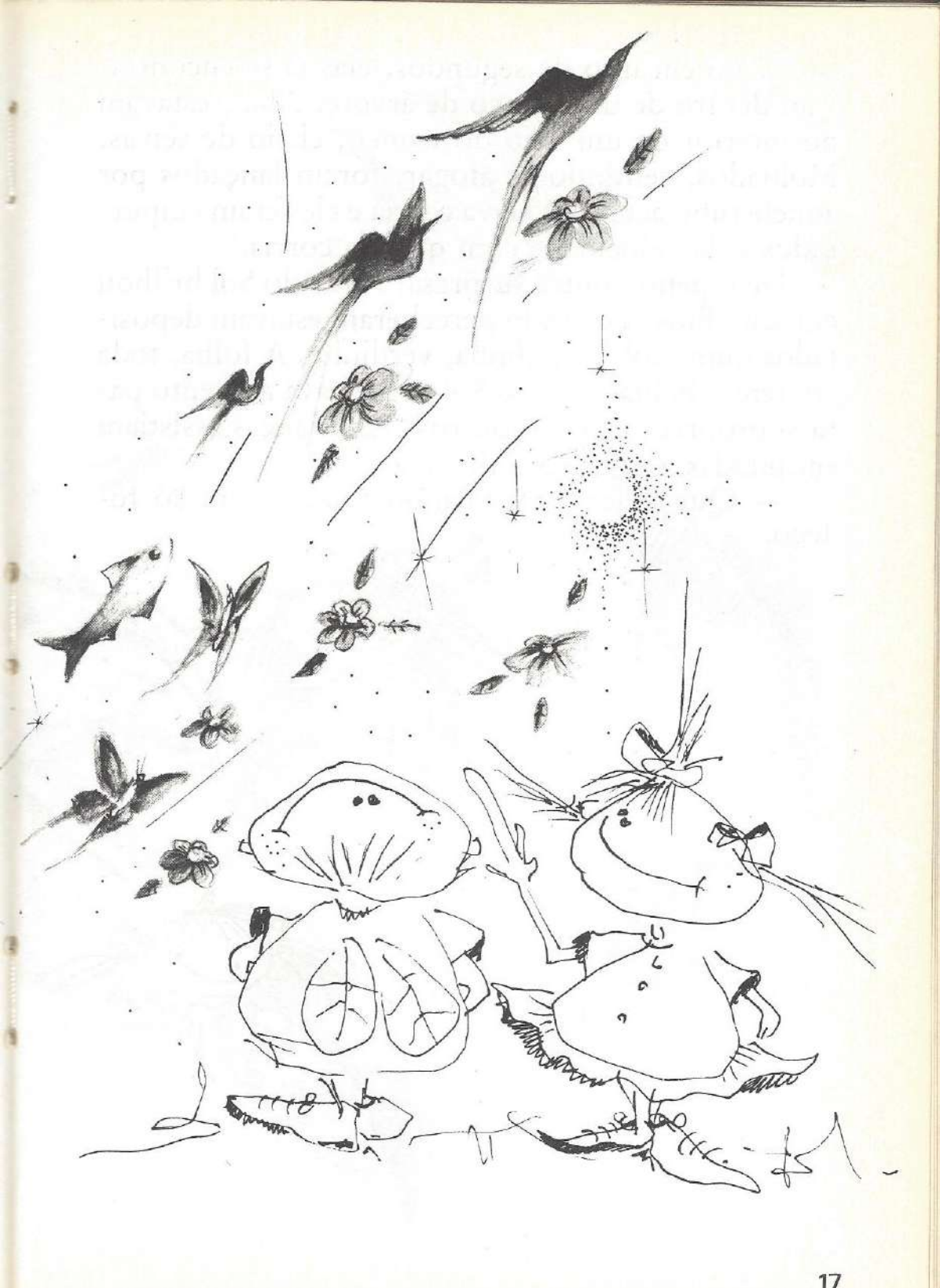
E, ainda emocionada com a descoberta, sus-
surrou:

— Aprendi com Luzinha.

As crianças, embevecidas, olhavam para aquele mundo tão cheio de surpresas. Tudo que eles estavam vendo parecia mágico. Encantatório. Ainda estavam no meio deste deslumbramento quando Luzinha falou:

— Agora, vamos visitar uma das coisas mais lindas do Mundo Encantado.

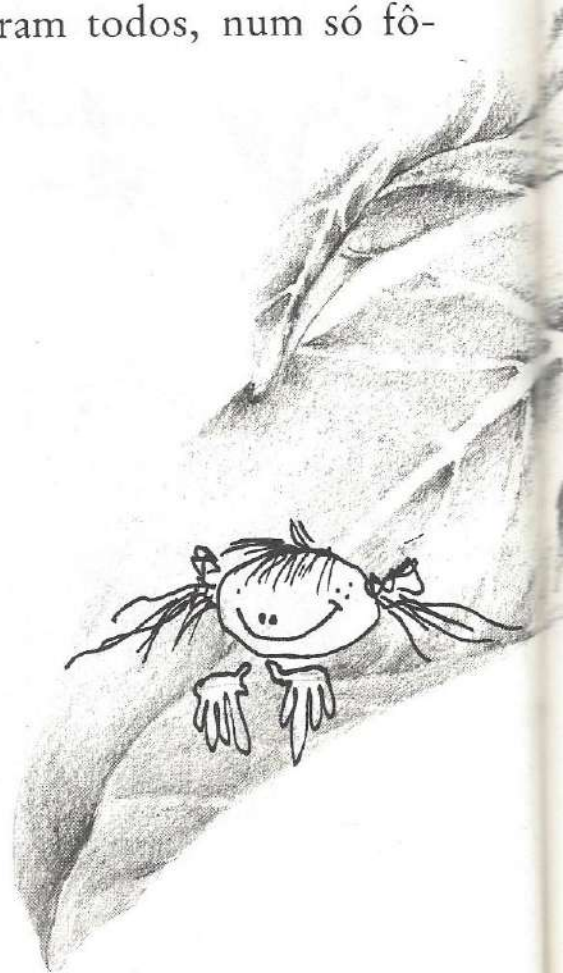


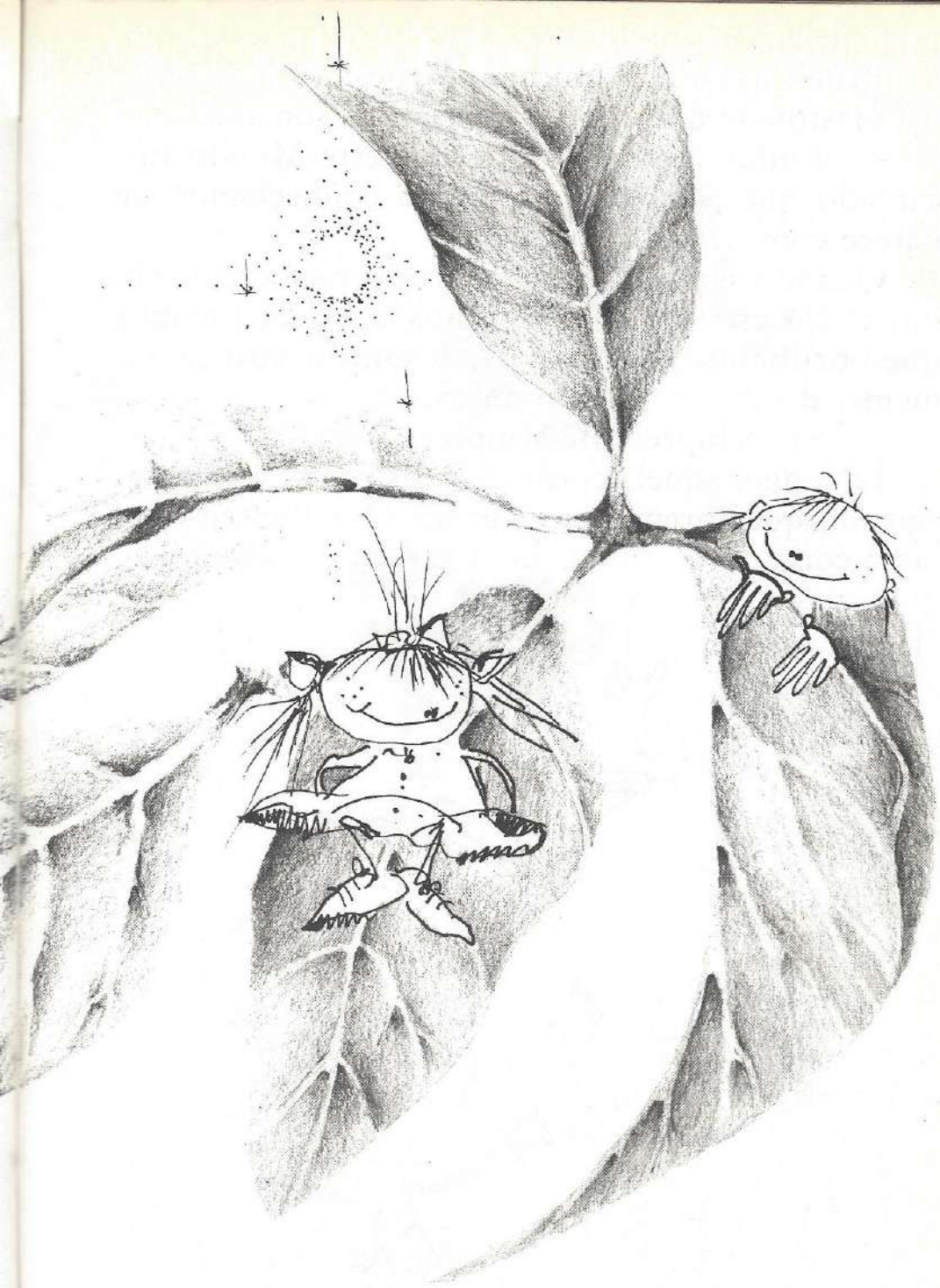


E, no encanto de segundos, elas já se encontravam dentro de um tronco de árvore. Aliás, estavam no interior de um veio do tronco, cheio de seivas. Molhados, sentindo-se afogar, foram lançados por aquele tubo acima. A seiva corria e eles eram empurrados pela velocidade com que ela corria.

De repente, outra surpresa! A luz do Sol brilhou em seu olhos e, quando perceberam estavam depositados numa folha verdinha, verdinha. A folha, toda contente, bebia a luz do Sol e fabricava alimento para si própria e para os outros. As crianças assistiam encantadas a essa troca de vida.

— Que beleza! — falaram todos, num só fôlego.





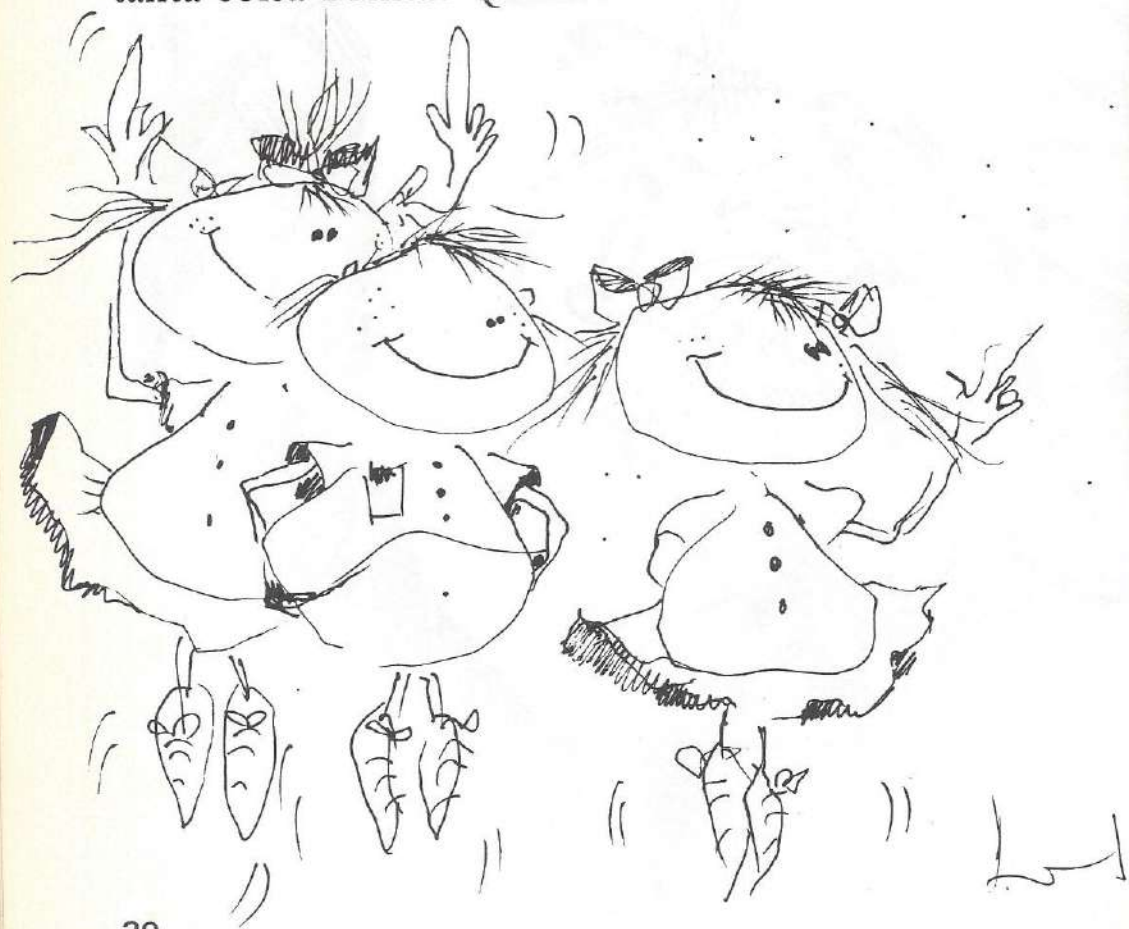
Bebel, que há algum tempo já estava desconfiada, afastou-se do grupo e, pensativa, concluiu:

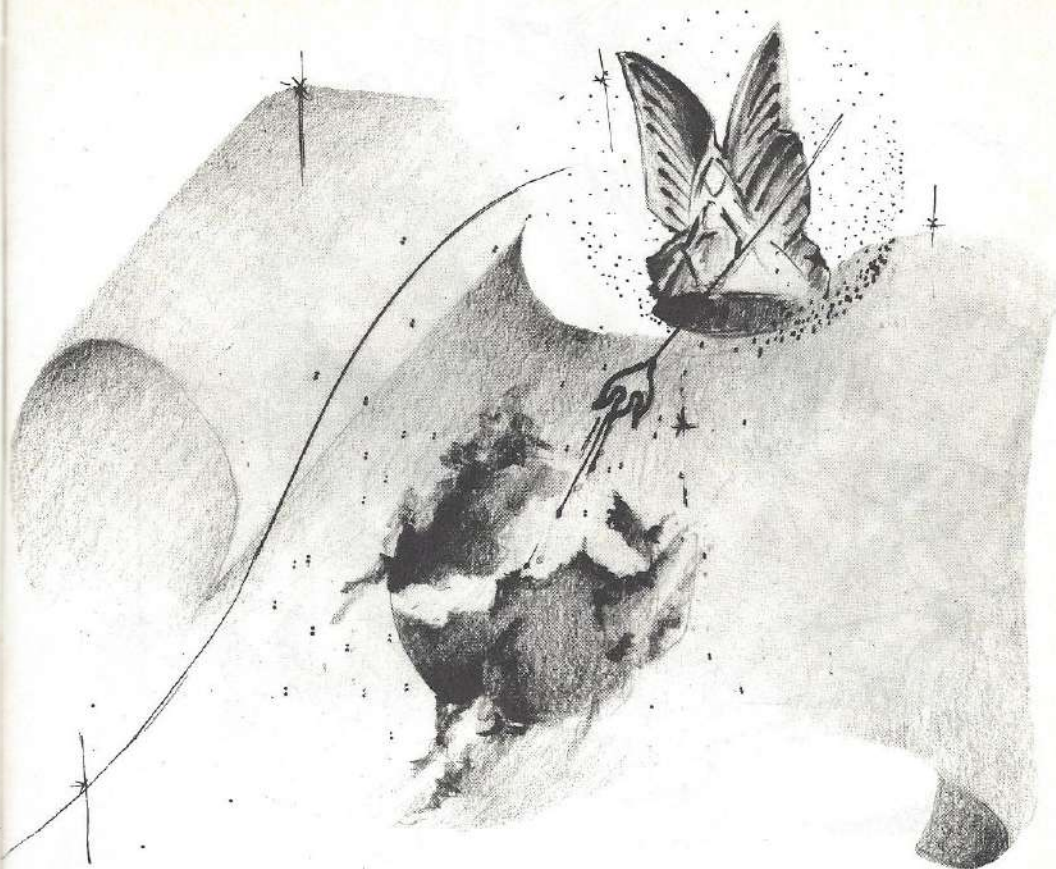
— Tenho a impressão de que este Mundo Encantado que achávamos que não conhecíamos, se parece com ...

Quando ela ia completar o seu raciocínio, viu que todos estavam com os olhos fixos em Luzinha que, brilhando ainda mais, levantou vôo lentamente, dando adeus às crianças.

— Até sempre! Até sempre!

Lá longe, aquela coisinha translúcida, brilhante, agitada, que aprenderam a amar. Que lhes ensinou tanta coisa bonita! Quando a veriam de novo?





Aos poucos, aquele azul do azul foi-se transformando num espaço branco e, quando as crianças deram por si estavam diante da cartolina do trabalho. E uma mancha redonda, azul-brilhante, transparente se fixou no centro do papel.

As crianças olhavam, sem acreditar no que viam. Foi Pimpolho o primeiro a gritar:

— É a TERRA!



Todos compreenderam, no mesmo instante, o que havia acontecido. Olharam aquela forma arredondada com muito carinho, piscaram o olho para ela e, enquanto tocavam os dedos naquele azul tão mágico e tão real, Bebel falou:

— Pessoal, tenho uma idéia!

— Eu também! — disseram os outros a uma só voz.

E começaram a fazer o trabalho para o concurso da escola.



TRABALHANDO A NOSSA HISTÓRIA ...

Bebel, Mariana e Pimpolho fizeram uma viagem ao **Mundo Encantado**.

As crianças tiveram contato com um mundo sem poluição.

Vamos trabalhar?

1. Comece trazendo, para a sua sala de aula, uma planta para enfeitá-la. Você deverá cuidar dela.
2. Plante uma árvore na sua escola e outra em sua casa, caso haja espaço para isso.
3. Procure ler em jornais, revistas, folhetos, tudo sobre ecologia, meio ambiente, poluição ... Leve esse material para a sua escola, pois a professora vai orientar um trabalho muito importante para você fazer com seus colegas.
4. Em casa, brincando com seus amiguinhos, na escola ou em outros lugares de seu bairro, procure saber o que está acontecendo com o meio ambiente, com a ecologia. Anote tudo, escreva notícias contando o que você descobriu, o que está acontecendo. Leve para a escola e trabalhe com sua professora no "Jornal do Meio Ambiente". Poderá ser esse o nome do Jornal? Sugira outro, convide seus colegas, faça uma eleição para a escolha do nome do Jornal.
5. Assim como na escola de Bebel, Mariana e Pimpolho, na sua escola terão muitos concursos.
Atenda as orientações de sua professora. Trabalhe para que sua sala de aula bem como sua escola, sua casa, sua comunidade, tenham um ambiente ecológico agradável.

PARTICIPE DOS CONCURSOS

NA MINHA TERRA EU APRENDO...

A coleção de livros didáticos **Na Minha Terra eu Aprendo...** parte do princípio de que educação ambiental também pode ser considerada matéria **interdisciplinar**. Assim, enquanto aprende Português e Matemática, a criança entra em contato com os elementos da Natureza, desenvolvendo consciência ecológica, responsável pela preservação do meio ambiente.

Na Minha Terra eu Aprendo... traz uma proposta educacional da Memórias Futuras e da autora da coleção, professora Maria Alice Aguiar - Supervisora escolar no Estado do Rio de Janeiro - de desmassificação do ensino.

Tanto os textos, quanto as ilustrações foram pesquisados nas regiões Amazônica e do Pantanal, sem abandonar as importantes contribuições culturais do sul do País.

Os livros didáticos **Na Minha Terra eu Aprendo...** abrangem o ensino de Português e Matemática de primeira a quarta séries. Encontram-se disponíveis em versão consumível e não-consumível.

